

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

BEATRIZ RIBEIRO VIEIRA

**ETÉREA: UM MERGULHO EM PROCESSOS CRIATIVOS E  
ESPIRITUALIDADE**

Porto Alegre

2021

BEATRIZ RIBEIRO VIEIRA

**ETÉREA: UM MERGULHO EM PROCESSOS CRIATIVOS E  
ESPIRITUALIDADE**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Vieira, Beatriz Ribeiro  
Etérea: um mergulho em processos criativos e  
espiritualidade / Beatriz Ribeiro Vieira. -- 2021.  
74 f.  
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Música Popular. 2. Produção fonográfica. 3.  
Processos criativos. 4. Composição musical. 5.  
Espiritualidade. I. Prass, Luciana, orient. II.  
Título.

## AGRADECIMENTOS

agradeço meus pais. que me ensinaram a escutar música. que escutaram a música dentro de mim. e que me ensinaram a fazer o mesmo. que me apoiaram, que me amaram, que me apresentaram as tantas referências que hoje mostro neste trabalho. que me apresentaram o mar. obrigada por serem vocês.

agradeço minha família. que é sempre minha primeira escuta, minha primeira crítica, e meu primeiro apoio. que participou de todo este processo, sempre oferecendo muito afeto, amor e motivação.

agradeço a yasmini vargaz. que é minha mestra, minha guia, minha amiga. talvez uma das pessoas que mais acredita em mim. e que mergulhou fundo comigo neste trabalho. e nos outros que estão por vir.

agradeço a ariadyne ferranddis. alma que encontrou a minha. e que hoje é melhor amiga. que participou de todo este processo, inclusive gravando. obrigada por nadar comigo aqui. mas obrigada, mesmo, por nadar comigo na vida.

agradeço a anna perin. que é amiga e parceira desde a graduação em escrita criativa. que compôs comigo uma das músicas que apresento aqui.

agradeço as parcerias de mergulho: ariadyne ferranddis, julia pianta, madalena rasslan, stefania johnson, vinícius pereira e carlos maurício gallo. sem vocês, a estas canções e a este trabalho faltaria tanto. obrigada pelo carinho e pelo suporte.

agradeço o nikolas gomes. que é meu professor, é meu amigo, e é quem transformou essas faixas por meio do processo de mixagem. enriqueceu esferas. e trouxe ainda mais alma para este ep.

agradeço meus amigos da faculdade, assim como amigos da escola e amigos da vida. muitos de vocês foram os primeiros ouvintes de “etérea”. vocês acompanharam, de longe, de perto. vocês apoiaram. vocês estiveram aqui durante esses quatro anos. vocês também fazem parte deste mergulho.

agradeço, e este é um dos mais especiais, minha orientadora, luciana prass. que foi a primeira professora a me dar aula na ufrgs. e que me encantou. hoje, é quem me guia para fechar este ciclo, com muito carinho e muita emoção. obrigada por todo esse percurso. obrigada pelas aulas. obrigada pelas orientações.

“Entretanto sou como um pintor que, em plena Idade Média, escolhesse um certo tom de azul para colorir o mar. Isso antes de existir a palavra azul. Antes de existir a cor azul. Contemplando as telas desse pintor, olhando aquelas ondas de uma cor impossível, as pessoas não conseguiriam esconder a estranheza e o horror.”

José Eduardo Agualusa (*A sociedade dos sonhadores involuntários*)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão traz um memorial descritivo, abordando desde os processos criativos, até a produção fonográfica de cinco canções de minha autoria, que compõem o EP "etérea". As músicas foram compostas ao longo dos meus anos na graduação em Música na UFRGS (2017-2020) e, analisando-as, percebi que todas estão interligadas pelos temas de natureza e espiritualidade. Por conta disso, este memorial trabalha a partir de uma abordagem filosófica e literária, com reflexões sobre deus, a natureza e suas relações com as cinco canções apresentadas, bem como o desenvolvimento das composições e das gravações, estas feitas em casa, devido à pandemia da covid-19. Por ser escritora, graduada em Escrita Criativa, eu adquiri fortes referências, as quais exploro nas minhas letras e que, neste trabalho, escolhi trabalhar a partir da linguagem poética, do texto em letras minúsculas e das epígrafes relacionadas ao tema.

**Palavras-chave:** Música Popular. Produção fonográfica. Processos criativos. Composição musical. Espiritualidade.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis brings a descriptive memorial, addressing from the creative processes, to the production of five phonograph records of my authorship, which compose the EP “etérea”. The songs were written throughout my years in the Music undergraduation at UFRGS (2017-2020), and, by studying them, I’ve noticed that they’re all connected by the themes of nature and spirituality. On behalf of that, this memorial works from a philosophical and literary approach, with thoughts about god, the nature, and its correlation with the five songs presented, as well as the development of the compositions and recordings, these being done at home, due to the covid-19 pandemic. As being a writer, graduated in Creative Writing, I’ve required strong references, which I explore in my lyrics and which, in this thesis, I chose to work from the poetic speech, the text in lowercase and the headings related to the theme.

**Keywords:** Popular Music. Phonographic production. Creative processes. Musical composition. Spirituality.

## LISTA DE FIGURAS

|   |           |
|---|-----------|
| <i>figura 1: euphoria photoshoot, de gucci. fotografia por jeff melgar.....</i>   | <i>27</i> |
| <i>figura 2: ensaio do designer de moda chinglin. fotografia por yiwen chou.....</i>  | <i>27</i> |
| <i>figura 3: modelo noelle nance. fotografia por cameron perry.....</i>   | <i>28</i> |
| <i>figura 4: fotógrafo tyler mitchell para document journal, 2018.....</i>  | <i>28</i> |
| <i>figura 5: fotografia por brandon woefel.....</i>   | <i>29</i> |
| <i>figura 6: ensaio com compositora arielle. fotografia por elizabeth thiel.....</i>  | <i>29</i> |
| <i>figura 7: digitalização do manuscrito da letra de "sino dos ventos".....</i>   | <i>32</i> |
| <i>figura 8: digitalização do manuscrito da letra de "sino dos ventos".....</i>   | <i>33</i> |
| <i>figura 9: digitalização do manuscrito da letra de "estrelas de verão".....</i>   | <i>34</i> |
| <i>figura 10: digitalização do manuscrito da letra de "estrelas de verão".....</i>  | <i>35</i> |
| <i>figura 11: digitalização do manuscrito da primeira versão da letra de "um corpo no oceano".....</i>                              | <i>37</i> |
| <i>figura 12: digitalização do manuscrito da primeira versão da letra de "um corpo no oceano".....</i>                              | <i>37</i> |
| <i>figura 13: debussy, claude. suite bergamasque. piano. paris: e. fromont, 1905. plate e. 1404 f. 1 partitura.....</i>             | <i>39</i> |
| <i>figura 14: transcrição do refrão de "luar".....</i>  | <i>39</i> |
| <i>figura 15: trecho do tema "assovia" em "sino dos ventos".....</i>  | <i>41</i> |
| <i>figura 16: registro de conversa entre dy e eu. ela me avisando que a gravação de "luar" estava pronta.....</i>                   | <i>44</i> |
| <i>figura 17: registro da luciana prass enviando a parte do udu por email.....</i>  | <i>44</i> |
| <i>figura 18: registro de conversa entre julia e eu. ela me enviando o primeiro protótipo das canções: "estrelas de verão".....</i> | <i>45</i> |
| <i>figura 19: registro da vídeo-chamada com vinícius, quando gravamos três faixas.....</i>  | <i>46</i> |
| <i>figura 20: registro de conversa entre carlos e eu, quando ele começou a me enviar as gravações das teclas.....</i>               | <i>47</i> |

|  |           |
|--|-----------|
| <i>figura 21: registro da última aula que tive com a yasmini antes de começar as gravações, em 9 de abril.....</i> | <i>48</i> |
| <i>figura 22: registro do meu primeiro dia gravando os vocais.....</i>   | <i>49</i> |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>I. prefácio.....</b>                                 | <b>10</b> |
| <b>II. no mergulho eu falei com deus.....</b>           | <b>14</b> |
| <b>III. árvore de cantos.....</b>                       | <b>19</b> |
| <b>IV. concepção estética de ‘etérea’.....</b>          | <b>23</b> |
| <b>V. processos de composição.....</b>                  | <b>31</b> |
| <b>VI. processos de gravação.....</b>                   | <b>42</b> |
| <b>de volta à superfície: considerações finais.....</b> | <b>53</b> |
| <b>referências.....</b>                                 | <b>55</b> |
| <b>anexos.....</b>                                      | <b>61</b> |

## I. prefácio

falar de trajeto é falar de mergulho. é inspirar forte pelo nariz e guardar todo o oxigênio ali dentro, enquanto se redescobre o seu próprio mundo. este mergulho, que dura vinte e três anos, se inicia no mar.

conheci o mar com quinze dias de vida e, desde então, foi tema de escritas, composições, leituras e escutas favoritas. foi o local de reencontro e espiritualização. local do ritmo incessante das ondas quebrando e quebrando e quebrando e quebrando. local onde arranhava os joelhos com os infinitos grãos de areia e onde me vislumbrava com cada conchinha trazida pelo oceano. foi onde, por todos esses anos, fechei um ciclo de volta ao redor do sol, e abri outro. o mar é tão casa quanto a minha própria casa na cidade grande.

minha infância nunca foi solitária. pelo contrário, cresci ao lado de duas irmãs, sempre tendo companhia para fazer castelinho de areia, brincar de bonecas, tomar banho de mangueira nos dias quentes da capital e dormir no maior quarto da casa. além disso, tinha uma mãe e um pai que faziam de tudo para nos dar atenção e carinho, mesmo quando os problemas lhes tiravam o sorriso.

acredito que reconheci o que era escutar, de verdade, uma música, por causa dos meus pais. nos fins de tarde, eles colocavam chico buarque, kleiton e kledir, e beatles no aparelho de som da sala, enquanto as cores do crepúsculo invadiam o cômodo pelas janelas. eu ouvia de ouvido passivo as canções que hoje estudo na faculdade. minha casa de infância era muito musical, apesar de ninguém da família tocar instrumentos.

antes de eu entrar para a escola, meus pais decidiram deixar porto alegre e ir rumo à fronteira oeste, onde meu pai nasceu. esse foi um momento determinante, pois, após encaixotar toda a mudança e devolver a nossa casa, eles desistiram. meu mergulho provavelmente nem envolveria música e escrita se eu tivesse crescido no interior. não envolveria amizades que cultivo desde o jardim de infância. não envolveria os professores que mudaram a minha vida.

o professor estácio<sup>1</sup> mudou a minha vida. eu entrei para a escola com cinco anos. e, no jardim de infância, eu tinha aulas de música. o professor estácio tocava violão enquanto as crianças cantavam as músicas que ele mostrava. sonífera ilha<sup>2</sup>. canción y huayno<sup>3</sup>. eu sempre voltava para casa cantarolando, e meus pais se surpreendiam toda a vez em que cantava a música

<sup>1</sup> estácio nievinski filho (1967), professor, fotógrafo e cerimonialista.

<sup>2</sup> canção de 1984, da banda titãs, composta por marcelo fromer, branco mello, tony bellotto, ciro pessoa e carlos barmack.

<sup>3</sup> canção composta por mauro núñez e orlando rojas, conhecida por sua versão gravada por mercedes sosa em 1986.

que apelidamos de “poco a poco”. até que um dia o professor estácio disse: essa menina deveria ir para uma escola de música. e assim fui matriculada na musicalização infantil.

meus pais me matricularam na escola mais próxima da nossa casa, a talentho's<sup>4</sup>. eu tinha aulas com o professor arthur<sup>5</sup>, e ele me dava toda a liberdade para descobrir e experimentar todos os instrumentos que ficavam espalhados pela sala. me afeiçoei pelo piano. eu amava improvisar nas teclas agudas enquanto ele tocava as médias e graves. eu aprendi o básico de teoria e prática musical, e exercitei, ainda que pouco, a composição. fiquei na escola de música por muitos anos. fiz aula de teclado e não me adaptei. fiz aula de violão e depois desisti. fiz aula de canto e levei pro resto da vida.

por um tempo, no entanto, a música sofreu um hiato. dos nove aos treze, deixei meu teclado amarelar, empoeirar e sumir da decoração do quarto. decidi que queria ser estilista quando crescesse, então meus passatempos consistiam em desenhar. desenhar roupas, desenhar pessoas. desenhar retratos, desenhar pinturas.

redescobrir a música em mim foi um processo de explorar coisas novas. tive que passar pela fase estilista para, então, no verão de 2011, ouvir os beatles atenta pela primeira vez. essa escuta atenta e ativa que tive de duas canções, “blackbird” e “i am the walrus”, fez com que, pelos próximos meses e anos, eu aprendesse, consumisse, lesse e ouvisse tudo sobre os quatro garotos de liverpool. duas canções fizeram com que eu me aproximasse novamente da música e começasse as aulas de violão.

eu desisti do violão um ano depois. hoje nem sei tocar uma música inteira. mas ele foi a porta de (re)entrada. depois de aprender poucas canções e seus acordes, posições de dedos e dedilhados, parti pro canto. e a professora yasmini<sup>6</sup> mudou a minha vida. a yasmini ainda cursava o bacharelado em canto quando começou a me dar aulas. nós crescemos juntas. ela me mostrou etta james e nina simone e ray charles e elis regina. ela me mostrou meu potencial. ela me mostrou técnica e interpretação. me mostrou amor pela profissão e amor pela música.

a yasmini é minha guia até hoje. é a quem recorro quando bate o desespero criativo. é quem salva minha voz toda vez em que fico um tempo sem estudar repertório. é quem me motiva a ir atrás de sonhos, a concretizar desejos e a criar. é quem me convenceu a cursar música. porque, naquele momento de fim do ensino médio, ela me conhecia melhor do que eu

<sup>4</sup> talentho's, escola de música com sedes situadas nos bairros são joão e menino deus, em porto alegre.

<sup>5</sup> arthur felipe moreira melo (1983), licenciado em piano pela ufrgs e professor de piano.

<sup>6</sup> yasmini vargas (1986), bacharela em canto lírico pela ufrgs, mestranda em performance musical pela unirio, e professora substituta da ufrj.

mesma. é quem me guiou por todo processo de estudo para a prova específica. é quem fez com que eu me encontrasse num curso que amo.

mas antes disso, me encontrei em outro curso que também amo. um tiro no escuro, a escrita criativa<sup>7</sup> fez eu aprender cada semente germinando e amadurecendo dentro de mim. escrevi contos, poemas, roteiros, artigos e ensaios ao longo de dois anos e meio. li julia dantas<sup>8</sup>, josé saramago<sup>9</sup>, débora ferraz<sup>10</sup>, valter hugo mãe<sup>11</sup>. levei o valter como minha maior inspiração no modo poético de escrever prosa. em que reflete tanto sobre pequenas coisas. ele escreveu que deus criou o mundo pela poesia<sup>12</sup>. e acho que a maneira mais honesta de se criar o mundo seria por meio de versos e rimas.

e ritmo. meu mergulho agora retorna ao mar. e seu ritmo sem compasso. seu ritmo infinito. seu ritmo constante.

o ritmo do mar me traz de volta para a primeira aula de percepção com ana fridman<sup>13</sup>, em que ela nos ensinou uma música de boas vindas de origem africana. acredito que, depois de um primeiro semestre que me ativou muita insegurança em relação ao meu lugar na música, eu só fui experimentar o fazer musical ali naquela aula de boas vindas. e nas outras que estavam por vir. a partir daquele momento, muitas aulas se transformaram em inspiração.

me inspiraram a compor, a explorar repertório, a improvisar. me inspiraram a criar. criar foi um processo de autoconhecimento. assim, descobri que amo compor músicas com cadência modal. e que amo o compasso 6/8. descobri que o valter hugo mãe me inspira a escrever letras. e que a luedji luna<sup>14</sup> é uma das minhas referências mais importantes hoje. descobri que as canções do milton nascimento entram em mim como mantra. e que eu sonho em escrever canções tão bonitas quanto “tiny dancer”<sup>15</sup>.

esse processo fez com que eu me relacionasse tão internamente comigo mesma, que cresceu o sentimento de colocar tudo em papel acordes melodias gravação. compor e escrever letras para essas composições fez eu entender que eu gostaria de falar de tudo que era natureza. tudo envolvia céu e mar e as canções das árvores. porque tudo o que é natureza também sou eu.

<sup>7</sup> a graduação em escrita criativa é oferecida na pucrs desde 2016.

<sup>8</sup> julia dantas (1985), escritora de porto alegre, autora de “ruína y leveza”.

<sup>9</sup> josé saramago (1922-2010), premiado escritor português.

<sup>10</sup> débora ferraz (1987), escritora de serra talhada, autora de “enquanto deus não está olhando”.

<sup>11</sup> valter hugo mãe (1971), escritor e artista plástico português.

<sup>12</sup> passagem do romance *a desumanização*, de 2013.

<sup>13</sup> ana fridman (1964), professora música da ufrgs, compositora e pianista.

<sup>14</sup> luedji luna (1987), cantora e compositora brasileira.

<sup>15</sup> canção de 1971, composta por elton john e bernie taupin.

eu sou mar, eu sou tempestade, eu sou vento assoviando. os fenômenos e as estações do ano. os raios do sol e o reflexo da lua na água.

meu mergulho é natureza. é nado interminável. meu mergulho é este trabalho.

que passa por mares infinitos. alguns turvos, outros cristalinos. este trabalho nada por cinco canções que compus ao longo dos meus quatro anos de ufrgs. cinco mergulhos em temas da natureza. cinco mergulhos em que me perguntei o que era o divino para mim. cinco mergulhos de espiritualidade e música. este trabalho nada por filosofia e literatura. nada por entre os processos composicionais e as gravações das canções. nada pela concepção de um ep. uma produção fonográfica etérea. como espírito. como mar, como vento. como música, como poesia. como literatura. como filosofia. aqui apresento: etérea.

## II. no mergulho eu falei com deus<sup>16</sup>

*“O céu estrelado, o mar espiando e os pinhais adiante, as traineiras a saírem como pirilampos de flutuar. O pescador pensou que a natureza tinha uma inteligência impressionante, e que havia de saber da sua vida, havia de entender o seu desejo e havia de lhe acudir.” (MÃE, 2016, p. 22)*

religião sempre foi um assunto nebuloso para mim. apesar de ter crescido em ambiente católico, ter estudado em escola de freiras na infância e em escola de padres na adolescência, eu nunca me senti pertencente a isso. a ter orações prontas. a ter imagens. a ter comportamentos que me levariam ao paraíso, ou ao inferno. a pecados. a castigos. eu não acreditava em um homem branco idoso como deus. nem que ele seria meu guia em todas as minhas ações, ou minha salvação em todos os meus problemas. não acreditava em um juízo final.

mas eu acreditava em deus quando via a inteligência impressionante da natureza. quando via, a milhares de anos-luz daqui, as estrelas. quando via a briga entre o céu e a terra no meio de uma tempestade. e quando via as ondas se quebrarem em um dia de calmaria. acreditava em deus, não porque precisava de uma explicação filosófica para os fenômenos da natureza, mas porque a beleza naquilo não me parecia apenas natural. parecia divino, parecia etéreo.

a primeira quebra que tive nesse padrão católico na religião foi lendo *a cabana*, de william p. young<sup>17</sup>. na ficção, um homem, anos após perder sua filha, conhece deus, uma mulher negra e gorda. aquilo ainda não me veio como “é isso! penso assim!”, mas foi muito necessário para eu entender como eu me relacionava com a espiritualidade. eu ainda não acreditava em um ser regendo os acontecimentos do mundo. entretanto, pensar na imagem de deus como algo diferente do que nos é ensinado na tradição judaico-cristã foi uma grande questão.

minha espiritualidade passou – e ainda passa – por vários processos. é uma questão muito forte de autoconhecimento. é uma questão de autocuidado. é uma questão de terapia. ao sair da adolescência, passei a refletir o que fazia sentido para mim. rezar não fazia sentido. mas energizar pedras e lhes pedir forças fazia. ler a bíblia não fazia sentido. mas acender um incenso e meditar fazia. ir à missa não fazia sentido. mas interpretar meu mapa astral fazia. agradecer a um deus não fazia sentido. mas visualizar o mar e agradecer ao universo fazia.

<sup>16</sup> excerto de “duas da tarde”, canção de 2018, composta por silva e lucas silva.

<sup>17</sup> young, william p. **a cabana**. são paulo: arqueiro, 2008.

“Mas se Deus é as flores e as árvores  
 E os montes e sol e luar,  
 Então acredito nele  
 Então acredito nele a toda hora  
 E a minha vida é toda uma oração e uma missão  
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos [...]”  
 (PESSOA, 2013, não paginado)

o que amo em deus é sua pluralidade. cada pessoa carrega um deus para si, sendo ele existente ou não. eu encarei o meu próprio deus apenas na graduação, em uma aula de estética da música<sup>18</sup>. estávamos estudando spinoza<sup>19</sup>, filósofo holandês do século XVII, que trouxe a premissa do panteísmo nos seus escritos. de acordo com essa corrente, tudo seria deus. seria as flores e as árvores, e os montes e sol e luar. *deus sive natura*. em sua obra *ética* (2009 [1677]), spinoza trabalhou a ideia de deus a partir de diversas proposições, concluindo que deus é uma substância absolutamente infinita e eterna, a qual é causa de tudo, e que é concebida por si mesma.

fica claro que, além de deus, nenhuma outra substância no mundo pode existir, nem ser concebida. isso pois deus é tudo. desse modo, como o jornalista e professor, clóvis de barros filho<sup>20</sup>, afirma, ao relacionar com o estoicismo<sup>21</sup>, não seríamos filhos de deus, mas parte dele. o julgamento, portanto, é inexistente ao se pensar na filosofia de spinoza. deus, ao ser todas as coisas, é, ao mesmo tempo, um assóvio de passarinho e um ato cruel do ser humano. deus não é força que cria o mal. o mal também faz parte de deus.

retomando ao estoicismo, na obra *em busca de nós mesmos*, filho divaga sobre essa mesma escola de filosofia. afirma que o estoicismo trata deus e o divino como a própria maravilha do mundo. “não foi ele [homem] quem as fez [coisas da natureza], e, portanto, elas traduzem a dimensão do divino que está impregnada na natureza”.<sup>22</sup>

vejo a filosofia estoica beirando a utopia e a poesia, pois, ao pensar no mundo maravilhoso, justo, belo e harmonioso, tudo o que está inscrito nele se torna assim. e é necessário se entender como pertencente a essa ordem, como uma peça que faz parte do todo. o estoicismo vê o cosmos a partir das perspectivas da beleza, da bondade e da justiça, sendo esses juízos válidos quando se está em plena harmonia.

<sup>18</sup> disciplina oferecida como eletiva no departamento de música da ufrgs, ministrada por raimundo josé barros cruz.

<sup>19</sup> baruch spinoza foi um filósofo holandês do século XVII (filosofia moderna). por conta dos seus escritos, defendendo que deus seria a natureza, spinoza foi banido da igreja judaica. a obra *ética* foi publicada após sua morte.

<sup>20</sup> clóvis de barros filho (1965) é jornalista e professor de ética na escola de comunicação e artes da universidade de são paulo (eca-usp).

<sup>21</sup> escola de filosofia helenística, fundada no século III a.C.

<sup>22</sup> filho, clóvis de barros. **em busca de nós mesmos**. são paulo: citadel editora, 2017, não paginado.

ambos pensamentos podem ser relacionados às culturas dos povos originários, em que a natureza é vista como algo divino, bem como um semelhante do ser humano. em *ideias para adiar o fim do mundo*, ailton krenak<sup>23</sup>, líder indígena e ecologista da etnia krenaque<sup>24</sup>, divaga muito sobre a palavra humanidade e o que ela carrega no sistema branco, ocidental e capitalista:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2019, não paginado).

krenak chega a citar outro pensador e líder indígena, davi kopenawa<sup>25</sup>, refletindo sobre a obra *a queda do céu*, na qual, de acordo com ele, kopenawa mostra que é possível habitar em uma cosmovisão em que tudo tem sentido, viver com o espírito da floresta, viver na floresta, estar na floresta. de fato, o texto do líder yanomami<sup>26</sup> não apenas expõe a história de seu povo e seus costumes, como apresenta de forma poética as relações com a floresta e com o divino, com os espíritos da natureza e com os seus chamados.

davi kopenawa explica que tudo o que existe está ligado aos *xapiri*, “imagens ‘espirituais’ do mundo que são a razão suficiente e a causa suficiente daquilo que chamamos natureza [...] na qual os humanos estamos imersos por natureza”.<sup>27</sup> esses espíritos são os grandes guias dos xamãs yanomami, e foram os primeiros seres do mundo, de acordo com suas mitologias.<sup>28</sup>

“O Anjo que em meu redor passa e espia  
E cruel me combate, nesse dia  
Veio sentar-se ao lado do meu leito  
E embalou-me, cantando, no seu peito.  
[...]” (ANDRESEN, 2018, p. 67)

observando um pensamento ao mesmo tempo divergente e convergente com os estudos citados, o zen-budismo segue a linha do não conceito de deus. essa filosofia prega um silêncio sobre deus, e trilha um caminho, pela minha interpretação, mais ligado ao universo e ao

<sup>23</sup> ailton krenak (1953) é um líder indígena, ecologista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia krenaque.

<sup>24</sup> os krenaque são uma etnia indígena, subgrupo dos botocudos. com uma população de, aproximadamente, 300 pessoas, as regiões mais povoadas são nos estados de mato grosso, minas gerais e são paulo.

<sup>25</sup> davi kopenawa (1956) é um líder indígena e escritor brasileiro da etnia yanomami.

<sup>26</sup> os yanomami são uma etnia indígena. a sétima maior etnia brasileira indígena, o grupo dos yanomami vive na região da floresta amazônica, na fronteira entre o brasil e a venezuela.

<sup>27</sup> kopenawa, davi; albert, bruce. **a queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. são paulo: companhia das letras, 2019, não paginado.

<sup>28</sup> nos escritos de kopenawa, é muito falado sobre os cantos e as danças dos espíritos *xapiri*. visitando os xamãs desde a infância, eles invadiam os sonhos para se apresentarem com seus belos cantos, tão belos que praticamente hipnotizavam as crianças, ao mesmo tempo em que lhes davam medo.

processo de iluminação. monja coen roshi<sup>29</sup>, em série de vídeos, reflete sobre deus, autoconhecimento e o corpo, a fim de relacionar esses aspectos com o zen-budismo.

“tudo o que existe é natureza-buda manifesta”, cita a mestra do zen-budismo. a natureza-buda é um conceito que os próprios budistas veem como inefável, indizível. acredito que por representar a total existência, que foge do individualismo e dos seres vivos, como afirma o mestre dogen no texto *shobogenzo*:

Natureza-Buda é sempre total existência, porque total-existência é a Natureza Buda. Total-existência não significa miríades coisas, nem existências individuais. É expresso por um punho levantado no ar; não é grande nem pequena. A total-existência está além do nível de todos os sábios e além da total-existência em si mesma. (DOGEN, 1241, traduzido por KRAUSS, 2013).

no vídeo citado, monja coen faz uma breve reflexão sobre uma história que se deu quando morava no japão, no mosteiro feminino de nagoya. ela conta que, em um dos sete anos em que viveu lá, algumas irmãs beneditinas foram passar uma temporada visitando o mosteiro. a mestra coen, então, menciona que, em conversa com as irmãs, sua superior disse que talvez o que elas chamassem de deus, os budistas chamassem de natureza-buda.

o zen-budismo encontra este trabalho para, então, fechar a trama deste capítulo. mesmo se silenciando perante deus, essa filosofia traz alguns conceitos que conversam com os estudos que fiz nesta pequena construção do que seria a palavra deus para mim. tudo o que existe é a natureza-buda, “cada partícula, cada molécula, cada próton, elétron e nêutron. [...] e não tem julgamento de valores. tudo o que existe é natureza-buda manifesta. [...] e manifesta assim como é”, como cita a monja coen.

esse pensamento dialoga com o de spinoza. assim como a reflexão que mestra coen faz sobre a maravilha que são os olhos, o perfeito mecanismo feito para enxergarmos, se relaciona com a filosofia estoica. a exaltação, quase utópica, da perfeição do mundo, que é sua regente. coen explica que coisas como essa estão presentes nos ensinamentos do dharma de buda, lei cósmica que serve como guia para alcançar o eu verdadeiro. e vejo que esse eu verdadeiro, esse estado buda, está ligado ao diário do líder davi kopenawa, e sua jornada como xamã yanomami.

deus é uma palavra plural. e seus significados habitam de formas diferentes em cada criatura. mas eles também são uma busca infinita. hoje eu acredito nos ensinamentos aqui expostos, que tratam de uma maravilha do mundo por si só, onde tudo o que existe é deus, ou natureza-buda. não importa a expressão, são apenas palavras inefáveis. caminhamos, então,

<sup>29</sup> monja coen roshi (1947) é uma monja zen-budista brasileira, autora de vários livros sobre espiritualidade e fundadora da comunidade zen budista, criada em 2001, em são paulo.

para o mundo de “etérea”, onde *deus sive natura*, onde a natureza faz parte do meu corpo, do meu espírito. onde a música vem das árvores e do vento e do mar.

### III. árvore de cantos<sup>30</sup>

*“A mesas e cadeiras, eu preferia o chão, as árvores e as cavernas,  
porque nesses lugares eu sentia como se pudesse me encostar no rosto de Deus”  
(ESTÉS, 2018, p. 17)*

no livro de davi kopenawa, xamã do povo indígena yanomami, é falado diversas vezes sobre o canto dos espíritos *xapiri*. em certo momento, kopenawa fala sobre a árvore de cantos. essas árvores, de acordo com a cultura yanomami, se encontram nos confins da floresta, onde a terra termina, e são elas que distribuem as melodias e palavras para os *xapiri*. elas nunca param de cantar, e suas melodias são infinitas e únicas. além disso, também se fazem presentes na “terra dos brancos”:

Há muitas dessas árvores *amoa hi* também nos confins da terra dos brancos, para além da foz dos rios. Sem elas, as melodias de seus músicos seriam fracas e feias. Os espíritos *sabiá* levam a eles folhas cheias de desenhos que caíram dessas árvores de canto. É isso que introduz belas palavras na memória de sua língua, como ocorre conosco. (KOPENAWA; ALBERT, 2019, não paginado)

com as composições que me foram apresentadas pela árvore de cantos, este capítulo é reflexão de um deus-natureza na criação artística. a partir de simbolismos e das construções feitas anteriormente, aqui é espaço de relacionar as canções que compõem o ep “etérea” ao divino. e, de certa forma, de relacionar as minhas criações à minha própria experiência sensorial e emocional enquanto artista.

vou abrir este capítulo com “um corpo no oceano”, composição em parceria com minha amiga e colega, anna perin, de 2018. em  $\frac{3}{4}$ , a canção segue um ostinato rítmico e uma harmonia modal. a letra, escrita após harmonia e melodia prontas, fala sobre o mar. nadar sem destino, sendo levada pelo ritmo eterno das ondas.

a gente nasce e morre em água. para a filosofia grega de VI a.C, o princípio de tudo era a água. e, ao longo do tempo, ela foi se tornando um símbolo cada vez mais complexo em diversas culturas. mas algo se mantém: ela é dinâmica, é fluída. assim como segue a linha de pensamento de heráclito, filósofo pré-socrático, não se pode pisar no mesmo rio duas vezes (fr. 50), pois ele está sempre em movimento, sempre em mudança.

“um corpo no oceano” é sobre isso. é sobre estar em movimento, é se entregar a emoções em constante metamorfose. a água é vista como simbologia dos sentimentos, inclusive na astrologia. e, desde quando a melodia ainda não tinha uma letra, eu já a entendia como um mergulho em mim mesma. o oceano também sou eu. e acho que isso se reforça com o ostinato

<sup>30</sup> kopenawa, davi; albert, bruce. **a queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. são paulo: companhia das letras, 2019. e-book kindle.

rítmico, representando as ondas do mar, e com a harmonia, que, por ser modal, não chega a sair do lugar onde está.

compus a base rítmico-harmônica em  $\frac{3}{4}$ , e, em conversa com a yasmini vargaz em junho de 2020, nós discutimos sobre o simbolismo do número três, e como ele está ligado ao divino em diversas culturas. é o compasso, o número de bemóis na armadura, o número de acordes em cada uma das duas seções da canção. o três é o número da perfeição, do ciclo, da sabedoria. é o número que liga a terra, à alma e ao céu. e talvez, como disse a yasmini nessa conversa, o três seja a minha grande conexão com o divino.

outro aspecto musical importante desta canção é a linha melódica. com cadências sempre descendentes, assim como alguns motivos, os movimentos melódicos desta canção poderiam ser uma forma literal de mergulho, de entrega ao divino e às emoções. a melodia de “um corpo no oceano” sempre acaba afundando em alto mar.

*“As ondas quebravam uma a uma  
Eu estava só com a areia e com a espuma  
Do mar que cantava só para mim.” (ANDRESEN, 2018, p. 67)*

o espaço mar está presente em muito do que eu crio. em “estrelas de verão”, faixa que escrevi sobre uma noite de verão na praia, o tema reaparece, assim como a harmonia modal e o ritmo dividido em três. ficar na água é explorar as emoções. questão com a qual eu tento lidar há muito tempo. ficar na água, nessas músicas, é tornar o processo um símbolo. além do tema e da harmonia, “estrelas de verão” traz uma descrição de cena que brinca com os sentidos e que funde a personagem ao espaço. sinto ela como uma aproximação a deus, como um reencontro comigo mesma.

um reencontro não apenas emocional, por conta do cenário exposto na letra e na música, mas um reencontro de memória. “estrelas de verão” mexe com vivências, com momentos que vivi na infância, com o espaço praia, onde o tempo corre sereno, com belezas naturais que persigo a vida toda. assim, também mexe com misticismo e, quem sabe, magia. a psicóloga clarissa pinkola estés reflete sobre esses elementos mágicos em seu livro, *mulheres que correm com os lobos*:

Ele [Carl Jung] considerava que o termo [*mana*] descrevia a qualidade mágica que cerca certas pessoas, talismãs, elementos da natureza como o mar e a montanha, árvores, plantas, rochas, lugares e acontecimentos, e que deles emana. (ESTÉS, 2018, p. 530)

um elemento que eu considero mágico é a lua. o satélite natural é o regente das águas da terra, é o planeta das emoções e dos instintos na astrologia e é relacionado a tudo que é

feminino, por seu ciclo lunar estar em sincronia com as fases do ciclo menstrual. a lua traça no céu um compasso, representa os sonhos, a imaginação, a fecundidade, o nascimento, a vida e a morte. e se não bastasse, a lua é tema recorrente nas artes, na literatura e na música. e foi assim que “luar” subiu ao céu.

“luar” foi inspirada em “clair de lune”, peça do compositor francês claudé debussy, que, por sua vez, foi inspirada por um poema de mesmo nome, da autoria de paul verlaine. tudo se transforma.

assim como as outras canções, sua harmonia é um ciclo, com forte sensação modal. e seu ritmo, em compasso 12/8, tem as colcheias marcadas, dividindo o compasso quaternário em três. como em ciclo, o três retorna.

no baralho de tarot<sup>31</sup> mitológico, a carta “lua” é ilustrada com hécate, deusa do submundo, regente da lua, da magia e dos feitiços na mitologia grega. hécate é conhecida como “deusa tríplice”, representada com três cabeças humanas, estas coroadas com a lua em suas três fases. sharman-burke e greene (2020, p. 97) afirmam que “ela [hécate] encarna o princípio feminino da própria vida e os três rostos, as três fases da lua, refletem o seu poder multifacetado sobre o céu, a terra e o submundo. [...] é desse reino oceânico da imaginação humana que os grandes mitos, os símbolos religiosos e as obras de artes sempre nasceram”.

a mim, é muito profundo perceber essa relação. como a lua está ligada ao número três, não apenas no que criei, mas em mitologias tão antigas quanto os seres humanos. e assim, o três liga o mar ao céu, a lua aos deuses, e tudo isso ao meu cantar.

esses elementos divinos que trago em canções sempre estão ligados ao cantar. muitos deles cantam para mim. o mar canta. as árvores cantam. o vento canta.

cantando, o vento me trouxe de presente os sons do sino dos ventos. sempre que o sino toca aqui em casa, entendo ele como chamada, como aviso, como previsão de algo por chegar. e essas melodias que o vento toca nos sinos inspirou a canção “sino dos ventos”. a canção que carrega a palavra “etéreo”, que abre o álbum, e que foi utilizada para criar o interlúdio “assovia passarinho”.

sempre vi os sopros e gritos do vento como uma manifestação divina. o vento é movimento, é dinamismo, é inquietação. é o equilíbrio do cosmos, é quem carrega as águas celestes e lhes dá direção. ele corre pela cidade, pelo campo, pela praia, pelos oceanos. “sino dos ventos” traz toda essa carga, de um mensageiro divino, em uma letra que reflete sobre as

<sup>31</sup> o tarot é um baralho de uso esotérico de 78 cartas. de origem incerta, as cartas de tarot, como afirmam sharman-burke e greene (2020, p. 20), funcionam como um espelho da psique. logo, as previsões do tarot estão mais relacionadas ao que se passa no interior do consulente.

ventanias de meu peito. de chuvas do céu da boca. de sair do plano pensamento e ir de encontro com o plano sentimento.

e eu falo tanto da água, do mergulho. mas tudo começa e termina no ar, no que vem do éter. no que “não é passível nem de geração nem de corrupção, apenas existe, sendo responsável por tudo o que existe no céu, incluindo os planetas e estrelas.” (CAMPOS; RICARDO, 2014).

com planeta sol em signo de ar, com o elemento ar em destaque no meu mapa astral, minha busca pela água e pelas emoções é eterna. levar as faculdades mentais e racionais para dentro das profundezas do mar. e encontrar caminho. entender o que acontece dentro de mim, quem sou eu, faz parte desse caminho. entender o que é o divino para mim faz parte desse caminho. ser levada pelo vento e pela chuva até as ondas calmas de um mar aberto faz parte desse caminho. escrever e produzir um ep que representa toda essa busca, esse mergulho, faz parte desse caminho.

*“Dentro da água eu sou exacta.” (SANTA’ANNA, 1961, p. 12)*

#### IV. concepção estética de ‘etérea’

*“I need the sea because it teaches me,  
I don't know if I learn music or awareness,  
if it's a single wave or its vast existence,  
or only its harsh voice or its shining  
suggestion of fishes and ships.  
The fact is that until I fall asleep,  
in some magnetic way I move in  
the university of the waves. [...]”  
(NERUDA, 2003)<sup>32</sup>*

quando penso em etérea, eu penso em azul e verde. a cor da tranquilidade e a cor da natureza. do mar e das árvores. do céu e do mato. esse título veio já atrelado a cores, acredito que antes mesmo de relacioná-lo a sons. e veio para resumir meus escritos, minhas vozes, minhas criações, minhas inquietações. etérea, de acordo com o dicionário<sup>33</sup>, é algo celestial, puro, sublime. e essa é a sensação que eu quero passar através das minhas músicas. celestial, puro, sublime.

das primeiras canções que me marcaram na infância, “estrela, estrela”<sup>34</sup>, do vitor ramil, é uma que me emocionava muito, e ainda emociona. ela tem o ar etéreo que procuro trazer nas minhas músicas: a letra poética, a harmonia cíclica e a melodia que mergulha. interpreto ela como uma música sobre uma grande solidão, com uma jornada de encontro entre o eu-lírico e a estrela, a qual eu vejo e trato como uma força divina – que o vê, que lhe traz paz.

diversas vezes, ao longo da minha vida, me vi como descrita nessa letra. conversando baixinho com as estrelas, procurando companhia na solidão delas. procurando aconchego. procurando sinais. procurando um caminho. “estrela, estrela” não foi referência direta a nenhuma composição deste ep, mas eu a sinto presente em quase todas. quase todas são uma busca por mim. quase todas são um encontro com o divino natureza.

neste capítulo, tratarei das referências que me trouxeram para o mundo de “etérea”, sejam musicais, literárias ou visuais. referências que me acompanham desde pequena, e que, hoje, fazem parte do que eu acredito como deus.

<sup>32</sup> *Eu preciso do mar, porque ele me ensina/ eu não sei se eu aprendo música ou consciência,/ se é uma única onda ou sua vasta existência,/ ou apenas sua voz rouca ou sua deslumbrante sugestão de peixes e navios./ O fato é que até que eu adormeça,/ de alguma forma magnética eu percorro na/ universidade das ondas. (NERUDA, 2003, minha tradução)*

<sup>33</sup> (luft, 2008, p. 309)

<sup>34</sup> disponível em *streaming* pelo link

<https://open.spotify.com/track/3ZDo7dxBumyyDeZoJ9QwDg?si=j2MozKwVSGS8bHvUG4yaeQ>

eu não poderia começar este capítulo sem mencionar os beatles<sup>35</sup>. eu nem mesmo consigo explicar a influência que eles têm em mim, pois já se tornou algo inconsciente. descobri os beatles aos treze anos, e as músicas deles já me tocaram de tantas formas, que sempre marcam presença nos sons que eu crio. ao mostrar alguma composição minha, é recorrente alguém falar que lembra beatles, por um motivo ou por outro. as músicas deles foram as primeiras que aprendi a tocar no violão e no piano, foram as que me deram a primeira noção de harmonia, e as primeiras cujas letras eu entendi como escritas para mim.

uma influência musical muito importante – que, inclusive, foi motivo da composição de uma das canções do ep – é a luedji luna<sup>36</sup>. a cantautora baiana tem uma sonoridade muito individual, e eu me apaixonei na primeira vez em que a ouvi, há mais ou menos dois anos. com uma banda que vem de vários cantos do mundo, a música de luedji traz uma riqueza musical e, para mim, consegue fazer um som orgânico, com elementos que me remetem à natureza. além disso, a poesia de suas letras, sobre resistência, sobre natureza, sobre amor, me soa como mantra, como oração.

eu vejo esse som como mantra nas composições de milton nascimento<sup>37</sup>, outra referência de destaque nas minhas criações. eu ouço suas canções desde pequena, por conta dos meus pais, e o que mais me encantava – e, acredito, sempre encantará – é a potência de sua voz. a voz de milton nascimento é elemento narrativo, é cor na música, é protesto, é paz. essa voz, cantando poemas intensos, me faz ver milton como um anjo – ou o que mais se aproximaria dessa criatura. suas músicas são meditação, e me inspiram a criar sons que meditam também.

escritor, dramaturgo, além de compositor, chico buarque<sup>38</sup> foi peça fundamental para eu começar a compor. especialmente compor na língua portuguesa. chico foi minha entrada na música brasileira, foi tema de trabalho de conclusão em escrita criativa (vieira, 2018), foi inspiração para escrever contos e para pensar em poemas musicais ricos e sonoros. muito do que estudo de melopoética, campo que estuda a relação de música e literatura, vem da curiosidade que tenho pela obra de chico buarque. e não há dúvidas de como isso enriquece minha própria obra.

<sup>35</sup> para referência, gosto de citar duas canções: “blackbird” (disponível em *streaming* pelo link <https://open.spotify.com/track/4Z92RMiyJpUrApZi3LtpJ6?si=-BJvVYnaSVupxHQm0aNOEg>) e “mother nature’s son” (disponível em *streaming* pelo link

<https://open.spotify.com/track/2JTTmUDAzSXPvUsVyg5Ksh?si=srREmG2iS92IjzIOayKMgQ>)

<sup>36</sup> para referência sonora, cito “asas” (disponível em *streaming* pelo link <https://open.spotify.com/track/1lmcHmrnwCl21OcPRY3ZVb?si=d55e5udaQW2z3B7iiMPPGA>)

<sup>37</sup> para referência sonora, cito “a lua girou” (disponível em *streaming* pelo link <https://open.spotify.com/track/0taJUVE4JN2COKmKRskXLF?si=KqeIEq3oTASkK5l-per2lg>)

<sup>38</sup> para referência sonora, cito “beatriz” (disponível em *streaming* pelo link [https://open.spotify.com/track/6jX65pkUYBbCdbuV4Pjnix?si=4WK-ZL8ORUuCsVwKiwT\\_yg](https://open.spotify.com/track/6jX65pkUYBbCdbuV4Pjnix?si=4WK-ZL8ORUuCsVwKiwT_yg))

inspiração para as harmonias modais, as composições e as aulas de ana fridman<sup>39</sup> ajudaram a construir a compositora que eu sou. a ana me apresentou a beleza das cadências modais e dos ritmos brasileiros. tive oportunidade de estudar a obra dela para o espetáculo “cantatempo”, organizado pelo grupo sônicas<sup>40</sup>. a apresentação contou com participação de alunos e professores, e foi uma forma de me aproximar mais de suas composições. no mesmo ano, nasceu “um corpo no oceano”, canção que criei para a aula de harmonia ministrada por ela mesma.

algumas referências que não aparecem diretamente nas minhas composições, mas que são importantes de citar, incluem: lianne la havas (1989), com seu estilo neosoul, sua técnica no canto e seu modo de interpretar; alicia keys (1981), por conta de sua fusão de voz e piano, tornando os dois instrumentos um só; lady gaga (1986), uma das minhas primeiras inspirações no jeito de cantar, autora de muitas músicas que amo; elis regina (1945-1982), com suas técnicas interpretativas de tirar o fôlego – literalmente; vanessa moreno (1986), cujas composições e versões trabalham muito a voz enquanto elemento fluído e instrumento percussivo; e silva (1988), com suas canções e seus arranjos de rica brasilidade.

*“A poesia é a linguagem segundo a qual deus escreveu o mundo. Disse o meu pai. Nós não somos mais do que a carne do poema.” (MÃE, 2017, p. 61)*

desde quando comecei a estudar escrita criativa<sup>41</sup>, ainda na graduação pela pucrs, posso dizer que muitas referências literárias influenciam a minha escrita de canções. procurar jogos rítmicos, rimas interessantes, figuras de linguagem, além de narrativas mais líricas, tem sido um exercício auxiliado pelo repertório literário que passei a consumir.

a referência mais forte que posso citar é o valter hugo mãe. escritor português, mãe tem como marcas de sua escrita a letra minúscula – assim como este trabalho –, presente em seus quatro primeiros romances, o texto altamente poético, e as personagens singulares, alegres e filosóficas. valter hugo mãe já atuou como cantor de fados e como letrista de músicas, além de ser poeta e artista plástico. a partir de sua leitura, criei a necessidade de explorar os lirismos em meus textos – de poema e de prosa. me encantei com o mundo das minúsculas, uma forma

<sup>39</sup> para referência sonora, cito “tempoqueleva” (disponível em *streaming* pelo link [https://open.spotify.com/track/073qGRATsq2ZtDrwgMjh6R?si=bGrEnIX6Sme\\_024xVN\\_cvg](https://open.spotify.com/track/073qGRATsq2ZtDrwgMjh6R?si=bGrEnIX6Sme_024xVN_cvg))

<sup>40</sup> grupo de pesquisa em gênero, corpo e música da ufrgs, orientado pela professora isabel nogueira.

<sup>41</sup> ingressei na graduação em escrita criativa, curso tecnólogo oferecido pela pucrs, no primeiro semestre de 2016, tendo me graduado em julho de 2018.

de trazer à tona a liberdade do pensamento e de tornar a escrita democrática<sup>42</sup>, como diz o escritor. e passei a trabalhar muito mais com figuras de linguagem e outras ferramentas poéticas.

outra referência que adquiri foi a sophia de mello breyner andresen<sup>43</sup>, poeta portuguesa. comecei a ler os poemas de sophia por conta da temática recorrente em sua obra: o mar. relacionando-o com a maravilha do mundo, assim como a morte, sophia de mello cria imagens poéticas inspiradoras sobre o mar. eu já escrevia canções sobre mar e praia antes de conhecer sua obra, entretanto, posso afirmar que sua leitura enriqueceu muita a minha escrita. relacionar o mar ao canto, as areias a jardins, as ondas a gritos... são imagens que me fizeram explorar mais a criatividade ao pensar no mar, e no que ele representa para mim.

trazendo lirismos que cantam violência, amor, esperança e sonhos nas terras brasileiras, conceição evaristo se tornou uma autora na qual me inspiro muito desde as minhas leituras de *olhos d'água* – obra de contos de 2014 – e *ponciá vicêncio* – seu primeiro romance publicado. a escritora consegue trazer beleza nas escritas mais duras, nas realidades mais tristes, assim como consegue trazer profundidade com apenas uma oração, uma frase, uma descrição de cena. suas prosas são poéticas. elas têm vida enquanto prosa e têm vida enquanto poema. e desde que comecei a estudar a escrita, sinto que este lugar “entre gêneros” é meu também.

*“O mar movimentou-se novamente num gesto aliciante e convidativo. Cida abandonou o calçadão e encaminhou-se para a areia.”  
(EVARISTO, 2016, não paginado)*

o visual de etérea imprime o que citei no início: relacionando a cores antes mesmo de relacionar a sons. como referências para a parte visual do ep, levei em conta os elementos naturais azul e verde. o céu e o mar, o mato e as árvores. ar, terra, água. e mergulhei.

para o ensaio fotográfico, penso em fotografias em estúdio e ao ar livre, me inspirando em editoriais de revistas e em ensaios de moda. enquanto fotografias em estúdio, a minha ideia é trabalhar o monocromatismo em tons de azul, a cor que sintetiza o que é etérea para mim, combinando com o *styling*<sup>44</sup> e a maquiagem artística. já as fotos ao ar livre, uma entrega às folhagens, às gramas e às árvores, trabalharão as cores análogas verde e azul. eu escolhi não

<sup>42</sup> em entrevista com pedro bial, mãe afirma que essa escrita se trata de uma democracia entre letras em palavras, além de ser “uma tentativa de devolver o texto à sua natureza primeira, tem o que ver com o pensamento. se você reparar, não pensamos com maiúsculas, não pensamos com sinalética” (2018). entretanto, acho importante destacar que essa foi uma experiência da “tetralogia das minúsculas” e, por não querer ser reduzido ao autor que escreve em minúsculas, valter hugo mãe buscou, a partir do romance *a desumanização*, fugir da fórmula e utilizar também as maiúsculas (kodic, 2011).

<sup>43</sup> sophia de mello breyner andresen, premiada poeta portuguesa (1919-2004).

<sup>44</sup> *styling* é a combinação de roupas e acessórios. na moda, é a forma de tornar as peças atraentes para venda.

fazer o ensaio de fotos no mar. ele é o grande guia para toda essa jornada, mas quis mostrá-lo enquanto cor, moda e arte no visual do álbum.

a seguir, algumas das referências que visitei para me inspirar:



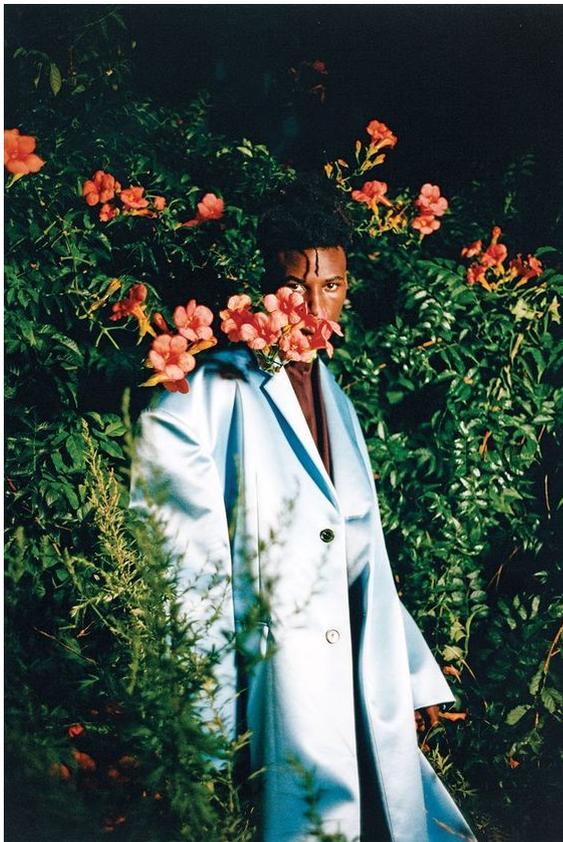
*figura 1: euphoria photoshoot, de gucci. fotografia por jeff melgar.*



*figura 2: ensaio do designer de moda chinglin. fotografia por yiwon chou.*



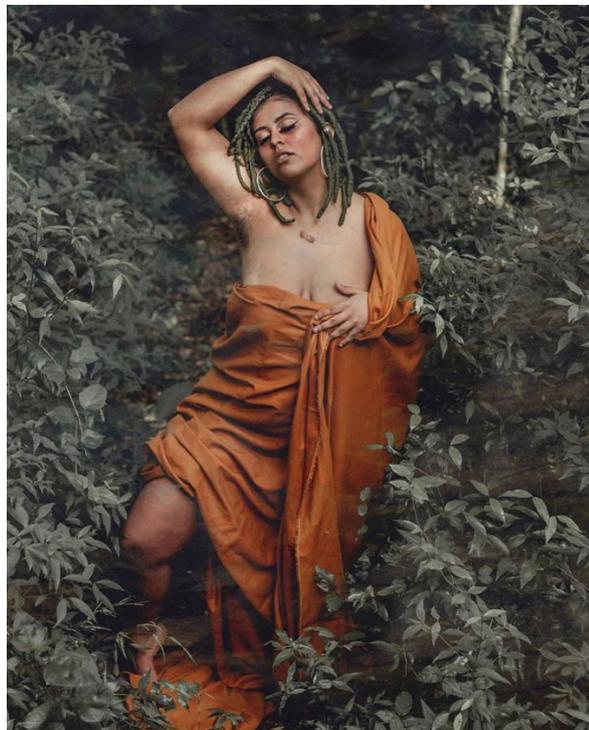
*figura 3: modelo noelle nance. fotografia por cameron perry.*



*figura 4: fotógrafo tyler mitchell para document journal, 2018.*



*figura 5: fotografia por brandon woefel.*



*figura 6: ensaio com compositora ariele. fotografia por elizabeth thiel.*

o ensaio fotográfico será utilizado para compor a capa do ep, além de todo o material de divulgação. logo, ele é a primeira onda desse mar de éter. brinca com cores, com natureza e com arte, e sintetiza tudo o que sinto quando penso em etérea. especialmente, quando penso na unidade das canções que formam o ep etérea. a parte visual também é poema, também tem som, também é música.

## V. processos de composição

*“Entre na água e nadei em braçadas lentas. Há quem nade por puro prazer. Há quem nade para manter a forma. Eu nado para pensar melhor.”*  
(AGUALUSA, 2017, não paginado)

### sino dos ventos

“sino dos ventos” aconteceu por processos. uma mania literária que tenho é de anotar expressões, palavras, frases que me encantam. tenho um caderno para escritas e composições cheio de páginas com frases soltas. sino dos ventos foi uma delas. passei minha infância inteira ouvindo os sinos que minha mãe comprava para casa. toda vez em que o vento soprava, eles cantavam melodias. certo dia, eu gravei um áudio tocando piano, e o sino dos ventos soava no fundo. parecia parte da música. anotei: sino dos ventos. ali ficou aquela frase por meses.

até que descobri a luedji luna. não recordo como, acredito que eu estava explorando o *spotify* em busca de cantoras brasileiras. ou ela simplesmente apareceu em alguma *playlist* criada pelo *streaming*. o que importa é que eu a descobri. a primeira canção que escutei foi “banho de folhas”<sup>45</sup>, mas o que realmente me cativou foi “asas”<sup>46</sup>. a sonoridade remetendo à natureza, com o som do vento na introdução. o violão, o dedilhado, as melodias que parecem vindas do vento. a percussão, sons de floresta. a voz, o poema musical. “asas” veio pra mim como oração.

uma oração que me despertou uma necessidade de compor. de escrever. de escrever sobre algo etéreo como o vento. “sino dos ventos” nasceu primeiro como poema, em uma sessão de composição frustrada de uma noite de outubro de 2019, em que nada me agradava. tentei resgatar melodias e letras incompletas. nada. então me lembrei daquelas palavras que eu tinha desenhado e guardado havia tanto tempo. sino dos ventos. canta as melhores as melhores canções... foi a primeira frase criada. me traz notícias do mundo pela janela. verso intimamente ligado ao “vento vem me trazer boas novas/ que eu sempre esperei ouvir” da luedji luna. o resto fluiu como vento e como chuva.

com a letra meio escrita, fui ao piano musicar aquelas palavras. me lembro de pensar em intervalos melódicos. uma quinta maior superior e uma segunda menor inferior. assim

<sup>45</sup> disponível em *streaming* pelo link

<https://open.spotify.com/track/2fhXxiuLeTO7TptXXQcg79?si=QkrVXd1fSRixGUNoJjLMIw>

<sup>46</sup> disponível em *streaming* pelo link

<https://open.spotify.com/track/1lmcHmrnwCl21OcPRY3ZVb?si=d55e5udaQW2z3B7iiMPPGA>

comecei o que se tornou o refrão de “sino dos ventos”: ensina/ que vento etéreo assovia/ pelos cantos antes de água inundar/ os olhos de quem vê. fiz isso no campo harmônico de mi maior e, assim que os acordes dessa parte estavam prontos, decidi que isso poderia ser o refrão. e parti para os versos.

sino dos ventos canta  
 as melhores canções que eu já ouvi  
 me traz notícias do mundo  
 da janela  
 do quarto  
 prevê tempestades  
 do meu peito

//  
<sup>B</sup>sino dos ventos <sup>Bsus4</sup>canta  
<sup>C#m</sup>as melhores canções <sup>D</sup>que eu já ouvi  
 me traz notícias do mundo  
 pela janela do quarto de dormir  
<sup>E</sup>previsão das tempestades <sup>E/D#</sup>  
 do meu peito <sup>B</sup> <sup>C#m</sup>

refrão?  
<sup>E</sup>ensina que vento  
<sup>E/D#</sup>etéreo assovia pelos cantos  
<sup>B</sup>antes de água inundar  
<sup>C#m</sup>os olhos de quem vê

sino dos ventos recita  
 poemas sem asas de voar  
 ao meditar em meus acasos  
 versifica a chuva que cai  
 que cai feito quartzo

figura 7: digitalização do manuscrito da letra de "sino dos ventos".

lágrimas celestes  
 e declama as tormentas  
 do céu da boca

PONTOUFRGS

figura 8: digitalização do manuscrito da letra de "sino dos ventos".

fui construindo a melodia enquanto improvisava uma harmonia. cheguei à sequência harmônica de B / Bsus4 / C#m / D. acredito que os dois acordes que mais conversaram com a sonoridade que eu buscava foram o Bsus e o D; o primeiro por ter uma característica meio sublime, e o segundo por não ter resolução. enquanto ia tocando os acordes e desenhando a melodia, também fui fazendo modificações na letra – onde, na digitalização, o grafite está mais fraco. brinquei com o pré-refrão utilizando a mesma sequência harmônica do refrão.

no fim, a harmonia de toda a canção ficou o seguinte:

B / Bsus4 / C#m / D

E / E7M / D# / B / C#m

a estrutura segue verso 1, pré-refrão 1, refrão, verso 2, pré-refrão 2 e refrão. com a harmonia do refrão, eu deixei um espaço para improvisação vocal após a apresentação da parte com letra. após a finalização do improviso, que não havia decidido quantos compassos duraria na época, a canção terminaria com a primeira frase do verso 1: sino dos ventos canta/ as melhores canções/ que eu já ouvi.

### **estrelas de verão**

eu estava lendo *amada*, de toni morrison. ficção sobre a época do fim da escravatura nos estados unidos. o que nada tem a ver com a música em questão, a não ser por uma frase que anotei do livro: “estrelas de inverno, tão perto que dava para pegar, tinham aparecido antes do pôr do sol. durante um momento, olhando para o alto, sethe penetrou na paz perfeita que elas ofertavam”.<sup>47</sup> as estrelas do inverno nunca tiveram esse impacto comigo. acho que viver na cidade grande tira essa paz que elas ofertam. elas são tímidas na cidade grande. por isso, fiquei com “estrelas de verão” na minha cabeça.

nas noites de verão, minha família e eu sempre nos sentamos no jardim da casa de praia, conversando e observando o céu. as estrelas da praia são extrovertidas, são infinitas, são próximas. e olhar o alto, assistindo às nuvens passarem pelas cintilantes luzes, enquanto a lua lhes faz companhia, é convite para refletir sobre o mundo, sobre a vida. pensar em como as

<sup>47</sup> morrison, toni. **amada**. são paulo: companhia das letras, 2018. não paginado.

estrelas de inverno no romance de Toni Morrison pacificaram a personagem, fez eu lembrar como as de verão me pacificam. e isso se tornou um poema.

era um dia de aula em setembro de 2019, e eu havia recém comprado um caderno A5 com o objetivo de escrever letras e contos, e qualquer texto, na verdade. na primeira página, eu tinha anotadas várias palavras e frases que seriam interessantes de usar para alguma coisa. estrelas de verão foi a que utilizei para começar a escrever um poema, na segunda página do caderno, enquanto passava o tempo da aula vespertina. pensei na cena da personagem de Toni Morrison e adaptei para uma noite de verão, na praia. pensei nas noites em que caminhava na areia. pensei nas noites de ano novo. pensei nas noites na praia onde veraneio desde criança.

quando cheguei em casa, resolvi musicá-la. as músicas modais me foram apresentadas pela professora Ana Fridman, como já citei, e eu me apaixonei de cara. assim, decidi harmonizar essa canção em uma cadência lídio eterna. o lídio<sup>48</sup> me traz o mesmo sentimento que o céu de verão à noite. fiquei naqueles acordes, indo e voltando, até improvisar uma melodia que, aos poucos, foi se tornando a “estrelas de verão”. e, nesse caso, não me preocupei em estruturá-la de forma mais *pop*. mantive o orgânico dela enquanto poema e fui desenhando em volta. a letra é cantada duas vezes, com um espaço de improviso no final da segunda repetição.

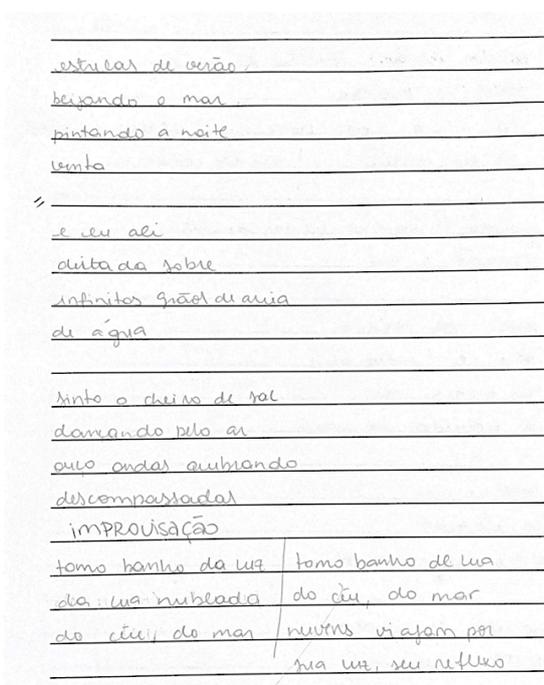


figura 9: digitalização do manuscrito da letra de "estrelas de verão".

<sup>48</sup> acho importante citar que meu primeiro contato com a cadência lídio em canção popular foi durante as aulas de prática musical coletiva, com a Luciana Prass, em que estudamos “trilhos urbanos”, de Caetano Veloso. me lembro de amar a sensação alegre que me passava ao tocar essa canção, e fico muito feliz em ver isso nas minhas próprias composições.

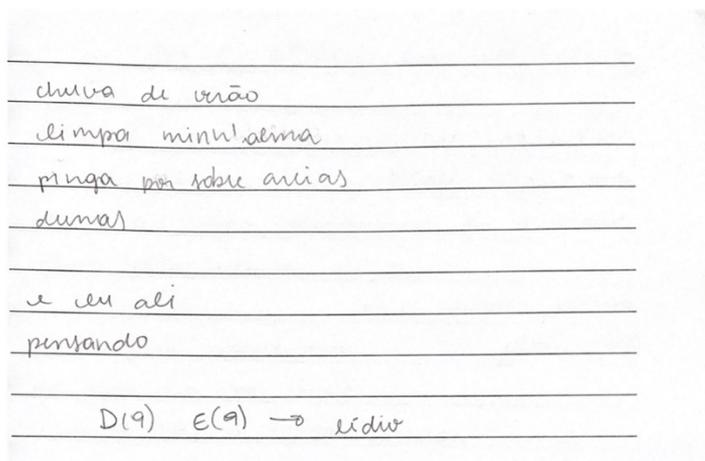


figura 10: digitalização do manuscrito da letra de "estrelas de verão".

na versão final, os acordes em cadência são sol maior e lá maior. e a quarta estrofe seguiu da seguinte forma: tomo um banho de lua/ do céu, do mar/ nuvens viajam por sua luz/ reflexo. tomar um banho de lua do céu e do mar veio inspirado no poema *ismália*<sup>49</sup>, de alphonse de guimaraens: a personagem queria tanto a lua do céu, quanto a lua do mar, seu reflexo. o verso final, com “eu ali pensando” é o que abre pra improvisação do fim.

### um corpo no oceano

acredito que “um corpo no oceano” foi a primeira canção que compus e da qual tive orgulho. ela nasceu por conta de três momentos diferentes. o primeiro foi numa aula da disciplina de canto coral I, que cursei em 2018/2. estávamos estudando uma música, a qual nem recordo o nome, mas lembro que o professor joceli<sup>50</sup> quis formar um acorde para a sua finalização e, se utilizando dos cinco naipes da sala, cantamos um Bb6(9). guardei aquele acorde, porque achei muito bonito e delicado. com o tempo, descobri que as minhas extensões favoritas são o sexto e o nono graus. e que amo acordes maiores.

<sup>49</sup> *Quando Ismália enlouqueceu,/ Pôs-se na torre a sonhar.../ Viu uma lua no céu,/ Viu outra lua no mar. No sonho em que se perdeu,/ Banhou-se toda em luar.../ Queria subir ao céu,/ Queria descer ao mar... E, no desvario seu,/ Na torre pôs-se a cantar.../ Estava perto do céu,/ Estava longe do mar... E como um anjo pendeu/ As asas para voar.../ Queria a lua do céu,/ Queria a lua do mar... As asas que Deus lhe deu/ Ruflaram de par em par.../ Sua alma subiu ao céu,/ Seu corpo desceu ao mar...* (GUIMARAENS, 2001, p. 45)

<sup>50</sup> joceli bohrer, professor de música da ufrgs, regente e compositor.

em casa, fiquei tocando um pouco o acorde, fazendo *voicings* diferentes no piano, até chegar a um, num compasso  $\frac{3}{4}$ , que me agradou muito. comecei a compor o que seria uma canção em homenagem ao professor fernando mattos<sup>51</sup>, que havia recém falecido. essa versão da música não chegou a passar do papel, mas foi uma criação muito emocionante pra mim. cantei aquela homenagem baixinho, esperando que, onde fosse que o mattos estivesse, pudesse me ouvir.

isso nos leva ao segundo momento. nessa época, eu estava cursando harmonia b, com a professora ana fridman. dentre os trabalhos requisitados na época, um deles era uma análise harmônica de livre escolha. poderia ser de alguma música de algum artista, de alguma composição de nossa autoria, de algum arranjo, etc. além disso, ana nos deu a liberdade de fazer o trabalho individualmente, ou em grupos. minha amiga, anna perin<sup>52</sup>, e eu resolvemos trabalhar em dupla. decidimos por compor e analisarmos nossa própria composição.

nos reunimos em minha casa, e eu mostrei a ela o *voicing* daquele acorde de Bb6(9), tocando já em  $\frac{3}{4}$ . fiquei tocando o Bb6(9) e um Ab6(9), presa no ar etéreo que a cadência mixolídio passa – fomos perceber o caráter modal após fazer a análise harmônica. a anna, então, começou a improvisar na voz. gravamos isso em áudio. ficamos ouvindo no *repeat*, até transcrever o improviso, a fim de transformá-lo na melodia da canção. já tínhamos um refrão, que nasceu ali enquanto a anna cantarolava: e vai/ oh vai.

depois disso, resolvemos fazer uma parte b, pra fugir um pouco da cadência modal. eu fiz uma sequência de acordes que não entendi na hora, pois toquei um *voicing* me importando apenas com os intervalos. ficou um caráter mais fechado e frio. nós utilizamos as nomenclaturas de “claro” e “escuro” para diferenciar as duas partes. a anna improvisou na voz de novo, e passamos pelo mesmo processo de gravar e transcrever. isso tudo levou umas sete horas. queríamos apresentar a canção com uma letra, mas o cansaço nos venceu. no dia seguinte, tocamos na aula.

agora o terceiro momento é de quando eu escrevi a letra. a melodia que a anna criou me soou tão cantável, que ela quase já falava palavras por si. as duas primeiras notas sussurravam para mim um “vem cá” ... daí acredito que foi “automático” falar de mar. me veio clara a imagem de chegar à beira da praia no primeiro dia de veraneio e molhar os pés na água gelada. me devolve pro mar. a parte b é repetição da frase “vai, vai marulhar”. marulhar quer

<sup>51</sup> fernando mattos (1963-2018) foi professor de música da ufrgs, compositor e alaudista.

<sup>52</sup> anna perin (1997), tecnóloga em escrita criativa pela pucrs e graduanda em música pela ufrgs. é escritora, cantora e compositora.

dizer formar onda, agitar-se. palavra que me apareceu enquanto eu lia *o filho de mil homens*<sup>53</sup>, de valter hugo mãe. e que fez todo sentido na letra da canção.

acerca do título, o escolhi inspirada no título “um corpo no mundo”, de luedji luna. entretanto, apenas passados meses eu fui refletir sobre esses corpos. enquanto o corpo de luedji luna questiona que corpos vivem com dignidade, amor e respeito na cidade, o meu corpo fala sobre autoconhecimento, sobre me reconhecer dentro de meu próprio corpo. sobre mergulhar em mim.

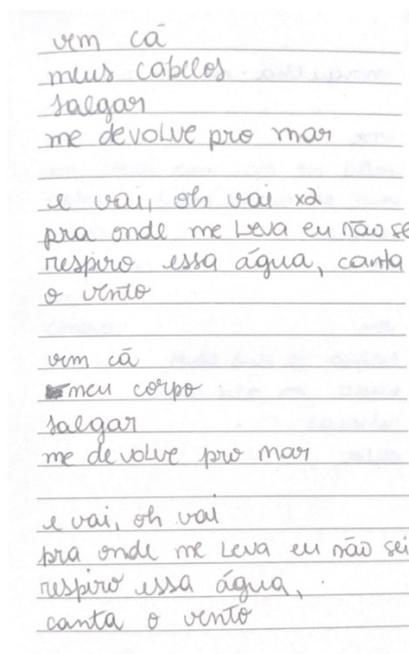


figura 11: digitalização do manuscrito da primeira versão da letra de "um corpo no oceano".

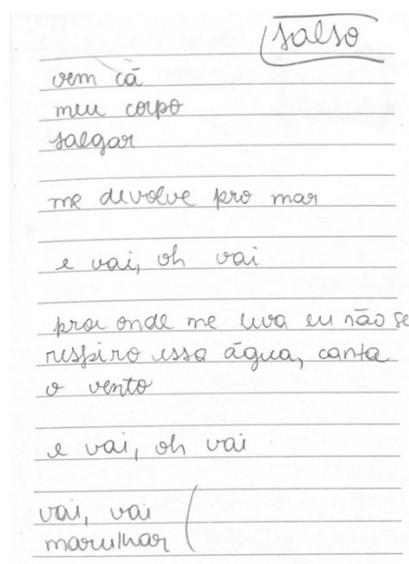


figura 12: digitalização do manuscrito da primeira versão da letra de "um corpo no oceano".

<sup>53</sup> mãe, valter hugo. *o filho de mil homens*. são paulo: biblioteca azul, 2016.

## lunar

os dias de pandemia da covid-19 passam como tempo estático. a lua substitui o sol e o sol substitui a lua e a poeira acumula e o calendário passa, mas o tempo não anda. foram momentos melancólicos pensando sobre o tempo parado que fizeram com que eu abandonasse este trabalho de graduação por mais de duas semanas em 2020. não havia ânimo para escrever, para compor, para estudar. criar foi um processo que pedia gentileza para meus momentos de desalento.

“clair de lune”, composição de debussy (1905), foi o que me puxou para fora desse abismo, que já estava quase olhando para mim. no fim de abril, eu estava conversando com meu amigo e colega da ufrgs, leonardo vianna<sup>54</sup>. ele estava falando sobre seu estudo nesta peça, e como se apaixonou por ela quando assistiu à professora catarina domenici<sup>55</sup> tocando-a meses antes. lembrar “clair de lune” fez eu mergulhar de volta à minha infância. me deixou saudosista, pois a primeira vez em que a escutei foi na novela *alma gêmea*<sup>56</sup>, e levo essa memória comigo com muito carinho.

então veio aquela necessidade, que havia semanas era inexistente, de criar, de tocar, de escrever. assim como o poema *clair de lune*<sup>57</sup>, do poeta francês paul verlaine, inspirou debussy a compor, o terceiro e mais conhecido movimento da “suíte bergamasque”, me inspirou a desenhar um lunar em canção, e fugir da melancolia dos dias pandêmicos.

pensei em compor alguma canção inspirada diretamente em “clair de lune”. então, fiquei tocando o início do tema, que havia tirado de ouvido, no piano, e estudando alguma melodia cantável que poderia tirar dali. deixei a ideia fermentar.

fui retomá-la apenas no dia 14 de maio de 2020. naquela noite, resolvi me sentar ao piano e desenvolver esse projeto-sonho-abstração. brinquei com a tonalidade de Db – tom original da suíte de debussy –, tentando tocar algo parecido com a harmonia de “clair de lune”. cheguei à progressão de Db / Ab / Cb / Gbm7. fiquei tocando e encaixando uma derivação do tema principal de “clair de lune”, que se transformou em refrão: mergulha no lunar/ lua vai/ rege

<sup>54</sup> leonardo vianna (1995), pianista e graduando em música pela ufrgs.

<sup>55</sup> catarina domenici (1965), professora de música da ufrgs, pianista e compositora.

<sup>56</sup> telenovela da rede globo, que foi ao ar em 2005.

<sup>57</sup> Votre âme est un paysage choisi/ Que vont charmant masques et bergamasques/ Jouant du luth et dansant et quaise/ Tristes sous leurs déguisements fantasques.

Tout en chantant sur le mode mineur/ L'amour vainqueur et la vie opportune/ Ils n'ont pas l'air de croire à leur bonheur/ Et leur chanson se mêle au clair de lune,

Au calme clair de lune triste et beau,/ Qui fait rêver les oiseaux dans les arbres/ Et sangloter d'extase les jets d'eau,/ Les grands jets d'eau sveltes parmi les marbres. (VERLAINE, 1869)

o rio, as marés/ rege a minha voz a cantar. a letra sobre a lua rabiscou-se espontânea e instantaneamente.

**CLAIR DE LUNE**

Andante très expressif

PIANO *pp* con sordina

figura 13: debussy, claude. suite bergamasque. piano. paris: e. fromont, 1905. plate e. 1404 f. 1 partitura

**REFRÃO**

12  $G\flat m7/B\flat\flat$   $D\flat$   $A\flat$

u Mer - gu - lha no lu - ar Lu - a vai rege o rio as ma -

15  $C\flat$   $G\flat m7/B\flat\flat$   $D\flat$

rés Re - ge a mi - nha voz a can - ta - ar Mer - gu - lha no lu -

18  $A\flat$   $C\flat$   $G\flat m7/B\flat\flat$

ar Lu - a vai rege o rio as ma - rés Re - ge a mi - nha voz a can - tar Ah - ah

figura 14: transcrição do refrão de "luar".

estudar minha própria composição, pensando em acordes e ritmo, foi um exercício quase de autoconhecimento. percebi o padrão nas escalas modais, quando toquei o acorde de Cb - apesar de, no momento, estar tocando o acorde como se fosse um B. e então percebi a fórmula de compasso 12/8. gosto muito da riqueza que, a meu ver, compassos compostos dão às músicas e, enquanto eu criava por cima de “clair de lune”, não pensei em fórmula de compasso. a canção “luar” veio a ter a uma fórmula de compasso composto, e observei o quaternário dela com os tempos em que caíam os acordes.

quanto ao verso, eu segui a mesma base harmônica, e criei a melodia em um improviso. após isso, fui escrevendo a letra pensando na esfera que a luz da lua me traz, de modo a encaixar com a letra do refrão. o primeiro verso ficou o seguinte: a noite cai/ e traz murmúrios de deuses no mar/ a noite cai/ e sonhos nadam pelo céu. fui finalizar a segundo verso algumas semanas depois, mas ainda seguindo a melodia da gravação: a noite cai/ lua deságua no peito do mar/ a noite cai/ e com tudo mais constante/ inebria.

como o verso e o refrão seguiam a mesma harmonia, passando uma única sensação, resolvi fazer uma parte b, mais fechada e sem letra. apenas cantos no luar... então fiquei explorando as opções dentro do campo harmônico de Db e cheguei à sequência Bbm / Gb / Db / Ab. essa parte, no entanto, me fez questionar a estrutura que eu queria para a canção, pois a coloquei após o segundo refrão, de forma que me soou deslocada. a solução foi colocá-la no fim da música, como uma “cadência surpresa” após pausa de um compasso.

compor não foi o único desafio dessa canção. escrever esta seção, de forma a apresentar ambos processos emocional e técnico, se desenrolou com várias tentativas. após leitura do artigo *pele/osso: a gravação como processo criativo*<sup>58</sup>, de isabel nogueira e luciano zanatta, percebi ainda mais fortemente a necessidade desse balanço emocional x técnico. as falas da isabel, políticas e pessoais, se interpunham às do luciano, voltadas ao processo em si. apenas depois dessa leitura, e de conversar com a isabel, pude colocar em palavras. eu precisava falar da pandemia.

### **assovia passarinho (interlúdio)**

foi em meados de outubro de 2020 que eu comecei a considerar um interlúdio dentro do ep “etérea”. uma faixa que resgatasse um pouco do já tinha sido ouvido, a fim de ligar uma

<sup>58</sup> nogueira, isabel; zanatta, luciano. “pele/osso: a gravação como processo criativo”. *musimid* 1, n. 1 (2020): 98-114.

parte à outra. comecei a brincar com o pequeno tema de “sino dos ventos”, em que eu canto “assovia” – notas fá#, mi, ré# e si –, pouco depois das aulas de arranjo do festival internacional de música em casa (fimuca), em agosto de 2020, pensando em utilizá-lo como elemento do arranjo de “sino dos ventos”. todavia, a ideia se transformou em outra coisa.

17 E E/D#

si - na que ven - to e - té - reo as - so - vi - a Pe - los can - tos an - tes

figura 15: trecho do tema "assovia" em "sino dos ventos".

ainda nessa época, houve um dia em que eu estava cantarolando o tema e me veio uma ideia de harmonia vocal. logo já associei a outras canções das quais gosto e que trabalham bastante com o elemento da voz, como “a chamada”, de milton nascimento, “porto”, de mpb4, “out of your mind (interlude)”, de lianne la havas e “goodbye”, de billie eilish. sendo que as duas últimas servem como, respectivamente, uma faixa interlúdio e uma faixa que fecha o álbum ao resgatar todas as canções anteriores em uma.

essa ideia de harmonia vocal veio bem clara na minha cabeça, mas ainda não sabia como escrevê-la em um arranjo. apenas em dezembro de 2020 eu fui fazer um esboço de uma harmonia no *musescore*<sup>59</sup>, com uma condução de vozes tradicional. a voz principal carrega o tema, agora com a letra “assovia passarinho”, e as outras vozes fazem uma “cama” harmônica, sem grandes movimentações melódicas. a harmonia segue o mesmo campo de “sino dos ventos”, mas com a seguinte progressão: Bsus7 e G#7M/B na parte A e C#m e E/B na parte B.

em janeiro de 2021, já com essa harmonia vocal escrita, decidi incluí-la no ep, como uma faixa interlúdio.

<sup>59</sup> software gratuito de escrita de partitura.

## VI. processos de gravação

*“Vieram as nuvens turvá-la.  
Recomeçou a cantar.  
No timbre de sua fala  
havia um rumor de mar.” (MEIRELES, 2013, p. 91)*

o processo de gravação deste ep começou e recomeçou diversas vezes. passei por obstáculos de incertezas e dificuldades acerca dos arranjos, de quem chamaria para tocar comigo e de como, de fato, gravar um ep caseiro no meio de uma pandemia mundial. o primeiro obstáculo, na verdade, foi decidir e aceitar que este trabalho seria caseiro. não haveria estúdio para gravar, não haveria técnico de som, não haveria ensaio em grupo. o segundo foi lidar com esse fato em forma de estudo. eu deveria aprender sobre produção musical.

foi em meados de setembro de 2020 que comecei a ter aulas particulares com nikolas gomes, ex-aluno do bacharelado em música popular. o nikolas me apresentou às ferramentas do *reaper*, programa utilizado para fazer as gravações, e, com as aulas semanais, pude trabalhar em pequenas criações fora do tcc. trabalhar com *samples*<sup>60</sup>, criar sintetizadores, equalizar os instrumentos e, até mesmo, compor do zero, com o suporte do programa. foram meses em que eu aprendi sobre minhas capacidades, sobre minha voz, sobre como eu crio e do que gosto de fato. produzi sons, *beats*<sup>61</sup> e pequenos exercícios de efeitos.

seguí com as aulas de produção musical até janeiro de 2021, quando dei uma pausa para organizar outras questões dentro do tcc. me reuni com vinícius pereira, meu amigo e colega da ufrgs, e ele aceitou o convite para gravar as linhas de guitarra e violão nas faixas de “etérea”. fizemos uma primeira audição de gravações caseiras, e fui explicando as ideias de arranjo que eu tinha para cada uma, enquanto ele somava com as ideias que ele teve na hora, me mostrando exemplos.

pouco depois da reunião com o vini, gravei as guias de quatro das cinco canções: “um corpo no oceano”, “estrelas de verão”, “sino dos ventos” e “lunar”. as guias foram gravadas no formato piano e voz, com uso de metrônomo, utilizando interface de áudio e o programa *reaper*. a única canção que não teve guia gravada nesse dia foi “assovia passarinho (interlúdio)”, por ser uma canção que eu produzi e gravei sozinha, sem chamar outros músicos para gravar junto. em 19 de março, gravei um teste dela, para ver como a harmonia vocal estava soando.

<sup>60</sup> *sample* é uma “amostra” ou pequeno trecho de alguma gravação, sendo utilizado para criar novas músicas.

<sup>61</sup> *beat* é a batida eletrônica que traz ritmo numa música.

*“Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol quase imediatamente já estão se endurecendo de sal. Com a concha das mãos faz o que sempre fez no mar, e com a altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheia de água, bebe em goles grandes, bons.” (LISPECTOR, 1998)*

com as guias gravadas, era momento de decidir quem faria parte desse mergulho nos mares de “etérea”. a ariadyne ferranddis, graduanda em música pela ufrgs, contrabaixista e minha melhor amiga, foi a primeira pessoa com quem falei, e imediatamente aceitou nadar comigo. logo depois, acertei com a julia pianta, minha amiga, também graduanda em música e baterista e percussionista e com o colega carlos maurício gallo, graduando em música e pianista, tecladista e organista. também convidei minha querida orientadora, luciana prass, para fazer parte desse mergulho: eu queria que ela gravasse o udu, na faixa “um corpo no oceano”.

organizar gravações à distância foi algo que me deu muita insegurança. não saber ao certo como está o processo de cada instrumentista me deixou bastante preocupada, por vezes acreditando que nada daria certo. em 12 de março, eu enviei para cada colega um plano de arranjo das canções, com instrumentação, dinâmica e alguns temas transcritos. junto a ele, enviei as guias gravadas. e então foi um tempo de espera.

em 26 de março de 2021, a dy começou a estudar e gravar as linhas de baixo nas canções, tocando contrabaixo elétrico em “sino dos ventos”, “lunar” e “estrelas de verão”, e o contrabaixo acústico em “um corpo no oceano”. enquanto gravava as canções, ela foi me enviando, além de ir tirando dúvidas sobre como imaginei o contrabaixo para cada canção. a sensação de ouvir uma música minha tomando forma foi indescritível. como aquela primeira onda em que se mergulha em uma praia desconhecida. a dy não apenas gravou o contrabaixo pra mim. ela foi a primeira pessoa a dar forma à minha criação. e isso vai ser para sempre. como ondas do mar.

a primeira canção que a dy gravou foi “lunar”, o que faz com que essa tenha sido a primeira a ter seu processo de gravação iniciado. em seguida, ao longo de uma semana, ela gravou “estrelas de verão” e “sino dos ventos”. com essas três prontas, ela já as enviou em 4 de abril. para “um corpo no oceano”, dy primeiro escreveu o contrabaixo na partitura, estudando e finalizando as gravações na madrugada de 10 de abril.



figura 16: registro de conversa entre dy e eu. ela me avisando que a gravação de "luar" estava pronta.

### udu para um corpo no oceano!

Que canção linda, Beatriz!

Parabéns!

gravei o udu, mas veja se é por aí.  
Qq coisa eu posso regravar, ok?

Essa tua gravação ainda é a guia, certo?  
Adorei as improvisações e tudo!

Mas percebeste que estourou um pouco o volume do teu áudio naquela parte mais aguda, confere?  
Qdo fortes gravar às ganhas, testa bem esse volume dessa parte.  
No final tb senti na guia, quase um rallentando... mas depois vi que não era... então pode ser que o udu ali não esteja tão preciso, mas isso facilmente se ajusta na edição.

Me diz!  
Tô curiosa!

figura 17: registro da luciana prass enviando a parte do udu por email.

em 29 de março, foi momento de minha orientadora, luciana prass, gravar a parte dela para “um corpo no oceano”. esta é uma canção em que, há muito tempo, eu penso tocada com um udu, instrumento de percussão de cerâmica que traz um som “aquático”. udu quer dizer vasilha em nigeriano, e, tradicionalmente, era uma ferramenta utilizada para fazer o transporte de água<sup>62</sup>. um instrumento desses marcando o compasso  $\frac{3}{4}$  é o que representa o movimento das ondas para mim. e assim que expliquei para a lu, que colocou em som tudo o que eu tinha como imaginação.

eu conversei com a julia sobre os arranjos em 23 de março. expliquei que ambiência eu queria criar em cada uma das três em que ela participa, e ela foi dando suas ideias também – como trocar alguns instrumentos e como solucionar algumas questões. com isso, em 2 de abril, ela me apresentou um protótipo do que ela havia pensado para “estrelas de verão” na percussão. usando cascas, conga e agogô de coquinho, ela captou o que eu queria e traduziu numa esfera serena, que enriqueceu a narrativa da canção. assim como quando ouvi “luar” com contrabaixo pela primeira vez, ouvir “estrelas de verão” com percussão foi um mergulho emocionante.

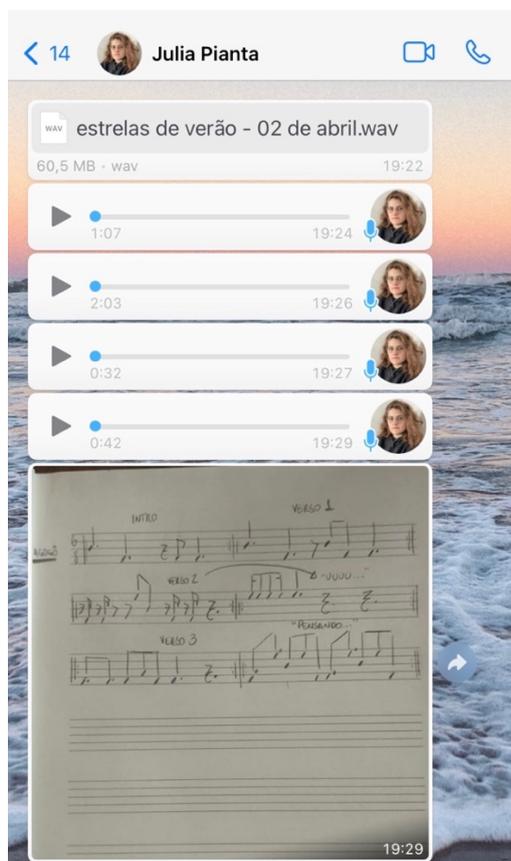


figura 18: registro de conversa entre julia e eu. ela me enviando o primeiro protótipo das canções: "estrelas de verão".

<sup>62</sup> esse instrumento, vale destacar, era carregado e tocado apenas por mulheres em determinadas cerimônias.

julia repetiu o processo em “sino dos ventos”, em 6 de abril. eu compus essa música inspirada em “asas” de luedji luna e, ao escolher a instrumentação, fui pensando na mesma esfera trabalhada em “asas”. a julia tirou poucas dúvidas acerca do arranjo antes de estudar a canção. com o protótipo pronto, parecia que ela tinha lido minha mente. “sino dos ventos” trouxe um som da natureza quase literal com a percussão da julia. e, já tendo as gravações de contrabaixo e violão, foi a primeira a ter sua estrutura pronta.

no dia seguinte, a julia me enviou os instrumentos gravados oficialmente, e eu já montei o projeto no *reaper*. além da percussão, do contrabaixo e do violão, eu adicionei *samples* que eu mesma captei de sons de vento, chuva e de um sino dos ventos. o resultado me fez quase chorar; era a primeira vez em que eu ouvia “sino dos ventos” no arranjo que eu sempre sonhei, sem o formato piano e voz que me acompanhou desde 2018.

em 8 de abril, a julia gravou oficialmente os instrumentos de percussão para “estrelas de verão”. dessa forma, a música já estava a um passo de estar com o instrumental pronto. assim como “luar”, que teve sua percussão enviada em 9 de abril, faltando para ambas apenas os teclados.

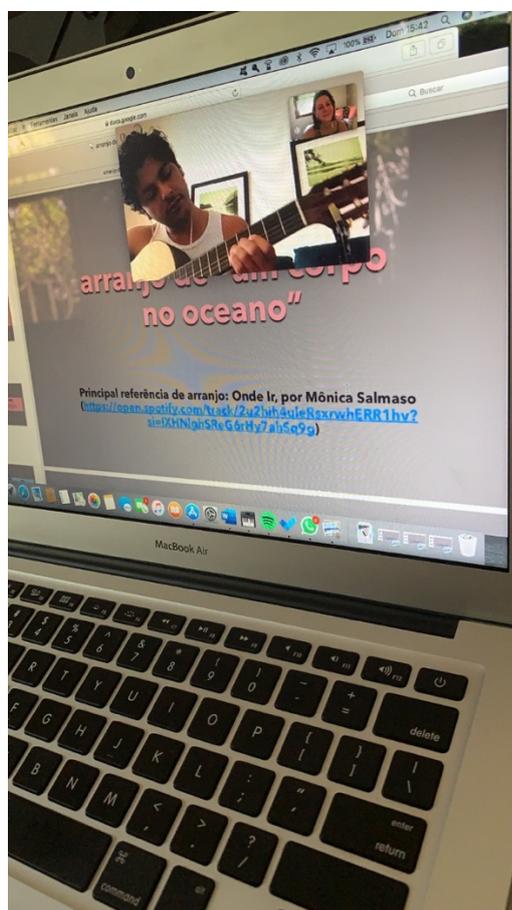


figura 19: registro da vídeo-chamada com vinícius, quando gravamos três faixas.

o processo de gravação dos violões começou em 4 de abril, em uma vídeo-chamada<sup>63</sup> que fiz com o vinícius. nesse encontro, conseguimos gravar “um corpo no oceano”, “sino dos ventos” e “lunar”. “um corpo no oceano” ficou como eu sonhava, mas as outras duas faixas precisaram de uma regravação, que pedi para o vini fazer no dia seguinte. nos encontramos de novo, e, desta vez, os *takes* ficaram como eu queria. com os violões gravados, partimos para as guitarras: o solo da parte b de “lunar” e “estrelas de verão”.

as guitarras foram gravadas sem estarmos em ligação. o vinícius gravou as faixas na noite de 7 de abril, testando e criando o solo de guitarra em “lunar”, o qual deixei bem livre para ele fazer como quisesse, e gravando “estrelas de verão”. na manhã de 8 de abril, ele me enviou as faixas, e eu já as coloquei nos projetos do *reaper*, para verificar se estava tudo certinho. o solo para “lunar” me deixou em êxtase. passei o dia inteiro escutando a música por conta da parte b. e “estrelas de verão” também ficou exatamente do jeito que eu queria.

com essas duas gravações, enviei para a julia terminar as percussões para ambas faixas.

no mesmo dia em que eu me encontrava virtualmente com o vinícius para gravarmos os violões, o carlos maurício entrou em contato comigo para avisar que estaria me enviando os *takes* de piano e *synths* a partir de terça-feira, dia 6. com exceção aos pianos, deixei o carlos bem livre para criar com as teclas.



figura 20: registro de conversa entre carlos e eu, quando ele começou a me enviar as gravações das teclas.

<sup>63</sup> fizemos uma vídeo-chamada para que eu pudesse ir escutando enquanto o vinícius gravava na casa dele, utilizando um microfone condensador, também na plataforma do *reaper*.

em 6 de abril, então, ele começou me enviou as gravações de “um corpo no oceano”: um sintetizador com sons de ondas quebrando e o órgão *hammond*, fazendo cama harmônica e brincadeiras melódicas ao longo da música. ambos criaram uma esfera super especial, que me surpreendeu bastante. eu não pensaria em colocar o órgão, mas ele enriqueceu muito a gravação.

em 7 de abril, ele me enviou os *synths* de “lunar”, com *pads* e *piano fm*, e de “estrelas de verão”, com *lead synth* e o órgão *hammond*. a combinação de sintetizadores em “lunar” ficou linda, criando uma sensação bem etérea pra música. todavia, eu fiquei em dúvida acerca do *hammond* em “estrelas de verão”. sem descartar a ideia, fui testando no projeto do *reaper*.

para finalizar as gravações das teclas, só faltavam os pianos para as mesmas três faixas. em 10 de abril, carlos me enviou o piano de “um corpo no oceano”, que ficou perfeito, exatamente como eu imaginava. e, assim, essa canção foi a segunda a ter seu instrumental pronto. no dia seguinte, ele enviou as gravações de “lunar” e de “estrelas de verão”. em “estrelas de verão”, eu tinha uma ideia na cabeça, mas o carlos trouxe outras, que ficaram tão delicadas, que preferi o jeito que ele gravou mesmo.

todavia, o piano de “lunar” me trouxe dúvidas. gostei muito à primeira vista, entretanto, por ter muitas partes com o piano entrando no contratempo – o que causava quase uma polirritmia –, comecei a estranhar um pouco. mas o incômodo só veio em 28 de abril, meu prazo final para enviar os vocais para o nikolas fazer a mixagem e a masterização. com o prazo apertado e sem poder pedir para o carlos regravar essa música, decidi gravar o piano eu mesma. com poucos *takes*, já consegui o resultado que eu buscava.



figura 21: registro da última aula que tive com a yasmini antes de começar as gravações, em 9 de abril.

enquanto meus colegas e amigos se preparavam para gravar suas partes em cada canção, eu fui fazendo o meu preparo vocal. marquei algumas aulas com a minha professora de técnica vocal, yasmini vargaz e fomos estudando formas de melhorar pequenas questões que eu tinha com as músicas. a principal era a condução de frases, a qual estudei para tornar mais fluída. além disso, outras correções que foram feitas ao longo desse tempo incluíam a troca de registro em “sino dos ventos” e “um corpo no oceano”, e os graves de “um corpo no oceano”, que sempre foram de grande dificuldade para mim<sup>64</sup>.

em 12 de abril, eu iniciei o processo de gravação dos vocais de “sino dos ventos”. gravei cinco *tracks* da música cantada inteira, uma *track* cantando apenas refrões e outra cantando apenas a parte “tempestade” da canção. deixei elas descansando para analisar melhor posteriormente, e escolher quais partes de cada *track* haviam ficado melhores e iriam para a versão final.



*figura 22: registro do meu primeiro dia gravando os vocais.*

em 14 de abril, fiz uma vídeo-chamada com a yasmini, para gravar sob a orientação dela. passamos duas canções: “um corpo no oceano” e “estrelas de verão”. me surpreendi com

<sup>64</sup> algo sobre que refleti bastante com a yasmini foi: por que uma cantora escreve uma música com partes que apresentam grande dificuldade para ela? a minha resposta era simples: não fui eu quem escreveu a melodia. todavia, a ideia de manter dessa forma foi minha. e acredito que por não conseguir enxergar essa canção de outra maneira. eu preferia me adaptar até conseguir cantar a modificar a melodia. e me adaptei.

a facilidade que esse processo se deu, pois gravei poucas *tracks* e tive um ótimo retorno vindo da yasmini.

após essas gravações feitas, foi momento de escolher as melhores *tracks* de cada parte da música e juntar no projeto final do *reaper*.

para o fim de semana do dia 17 de abril, eu havia me programado para terminar as gravações de “luar” e “assovia passarinho (interlúdio)”. todavia, foram dias de cansaço mental e físico, e a voz se cansou junto. mesmo gravando inúmeras vezes as mesmas vozes, eu não chegava nem perto ao resultado que eu queria. entrei em uma pequena crise, nervosa por não conseguir entregar todo o trabalho para o nikolas na data que havíamos combinado, 19 de abril.

dia 19 chegou, e enviei as três canções que estavam prontas para o nikolas: “sino dos ventos”, “um corpo no oceano” e “estrelas de verão”. fui sincera com ele e, apesar do prazo apertado – necessitava do trabalho pronto para o dia 7 de maio –, ele foi compreensível e disse que não tinha problemas. deixei, assim, que a minha voz descansasse.

em 28 de abril, eu finalizei as gravações das vozes, com “luar” e “assovia passarinho (interlúdio)”. gravei ambas pela manhã, e também gravei o piano da primeira e o sintetizador da segunda. aliás, “assovia passarinho (interlúdio)” também conta com *samples* de um sino dos ventos tocando e de passarinhos cantando, os quais eu já havia colocado quando testei a harmonia vocal pela primeira vez. durante a tarde, enviei esses dois projetos restantes para o nikolas, que já estava no processo de mixagem das outras canções, diretamente de lisboa, portugal.

em 3 de maio, o nikolas me enviou os áudios de todas as cinco canções, já mixadas e masterizadas, para que eu escutasse e visse se gostaria de que ele fizesse algum ajuste. ouvi atenta cada uma delas e encaminhei para minha orientadora, luciana prass. depois de fazer a minha escuta e de conversar com a lu, pedi alguns pequenos ajustes nas vozes de duas canções: “sino dos ventos” e “luar”. todo o restante me emocionou muito, pois o nikolas criou a esfera que sempre desejei para cada canção, além de trazer uma unidade por meio da mixagem.

acho importante destacar que as canções sofreram mudanças desde o processo de composição, no momento em que comecei a pensar nos arranjos de cada uma. “sino dos ventos” é uma que mudou um pouco sua estrutura: com a apresentação dos versos e dos refrões, há um momento de improviso, o qual denominei de “tempestade”, quando entram os *samples*. e essa tempestade abre para um último refrão e uma última volta do verso, finalizando da mesma forma como descrevi anteriormente.

“luar”, que antes utilizava a parte b para uma melodia cantada que se repetia até o fim da canção, se modificou bastante. depois de ouvir as ideias do vinícius no nosso primeiro

encontro, em fevereiro de 2021, decidi colocar um solo de guitarra na parte b, e tirar a voz. eu queria que “luar” se inspirasse bastante na canção “cold little heart”, de michael kiwanuka, especialmente nessa parte b.

um arranjo que vale a pena ressaltar é o de “estrelas de verão”. eu já tinha um pré-arranjo feito em 2020, com parceria de meu amigo e graduando em música, luka de lima. o luka foi quem criou o tema tocado no contrabaixo e na guitarra, que aparece em certos momentos da canção. e que reforça esse sentimento alegre que eu queria passar por meio dessa música. diferente desse pré-arranjo, o arranjo final feito para o ep conta com algumas mudanças na instrumentação, principalmente nas teclas e na percussão – no primeiro arranjo, ele contava com guitarra, baixo, teclado e bateria, e eu quis manter teclado e piano juntos, além de trocar a bateria por instrumentos de percussão.

o maior desafio em um projeto de graduação que envolve produção fonográfica é gravar. e gravar no meio de uma pandemia é ainda mais desafiador. muitas vezes eu acreditava que nada daria certo, tive muitos momentos de incerteza. e fico muito feliz lendo este trabalho e percebendo cada processo que se deu ao longo desse caminho de mar e éter. mesmo com uma banda separada, mesmo sendo a minha primeira produção musical, conseguimos. mergulhamos no mundo de “etérea”. segue a relação da ficha técnica de cada canção que faz parte desse mergulho:

### **sino dos ventos**

letra/música: beatriz vieira

arranjo: beatriz vieira

voz: beatriz vieira

violão: vinícius pereira

contrabaixo: ariadyne ferranddis

percussão: julia pianta

mixagem/masterização: nikolas gomes

### **um corpo no oceano**

letra/música: anna perin e beatriz vieira

arranjo: beatriz vieira

voz: beatriz vieira

teclas: carlos maurício gallo

violão: vinícius pereira

contrabaixo: ariadyne ferranddis  
udu: luciana prass  
mixagem/masterização: nikolas gomes

### **estrelas de verão**

letra/música: beatriz vieira  
arranjo: beatriz vieira e luka de lima  
voz: beatriz vieira  
teclas: carlos maurício gallo  
guitarra: vinícius pereira  
contrabaixo: ariadyne ferranddis  
percussão: julia pianta  
mixagem/masterização: nikolas gomes

### **assovia passarinho (interlúdio)**

letra/música: beatriz vieira  
arranjo: beatriz vieira  
vozes: beatriz vieira  
sintetizador: beatriz vieira  
mixagem/masterização: nikolas gomes

### **luar**

letra/música: beatriz vieira  
arranjo: beatriz vieira  
voz: beatriz vieira  
piano: beatriz vieira  
sintetizadores: carlos maurício gallo  
violão/guitarra: vinícius pereira  
contrabaixo: ariadyne ferranddis  
percussão: julia pianta  
mixagem/masterização: nikolas gomes

para um mergulho completo, o ep “etérea” encontra-se disponível no *soundcloud*, plataforma de música, pelo link: <https://soundcloud.com/user-733360104/sets/eterea>.

## de volta à superfície: considerações finais

*“Só se viam as ondas que vinham crescendo do longe até quebrarem na areia com um barulho de palmas.” (ANDRESEN, 2017, não paginado)*

são águas turbulentas. essas em que nadamos enquanto buscamos algo dentro do peito, algo que faça sentido, algo que explique. nadei por diversas águas ao longo de meus vinte e três, mas em nenhuma fui ao fundo assim. hoje retorno à superfície, depois de um caminho entre corais e peixinhos e tesouros, que me trouxeram melodias, harmonias, arranjos e produções. que me trouxeram um álbum de minha autoria.

antes de atravessar o caminho de areia e passar a primeira onda, achei que me afogaria. que jamais conseguiria nadar sozinha, planejar um ep sozinha, compor sozinha. e tudo parece tão solitário.

e tudo ficou ainda mais solitário. este trabalho de conclusão está marcado pela covid-19. marcado por uma produção fonográfica feita à distância. marcado por orientações feitas em vídeo-chamada. marcada por saudade. por angústia. por medo. por muito medo. a qualquer momento, parecia que algo puxaria meus pés e eu afundaria, sem concluir este trabalho, sem saber como seriam minhas músicas gravadas, sem terminar de escrever este último capítulo.

acredito que conseguir chegar até aqui foi uma das coisas que mais me fortaleceu nos últimos tempos. eu fiz um trabalho de conclusão no meio de uma pandemia. eu, que nunca tinha escrito um arranjo de canção, arranjei cinco. eu, que até pouco tempo nem sabia fazer o *reaper* gravar uma *track*, produzi um álbum. eu pesquisei correntes filosóficas, eu procurei referências literárias, eu dormi pensando em epígrafes. eu escrevi páginas e páginas de um trabalho poético e sensível, como sempre o imaginei.

eu reuni músicos talentosos e comprometidos, e consegui fazer com que eles se conversassem através, apenas, das músicas.

conforme abril de 2021 foi passando, com as gravações sendo feitas e todas as ideias que eu tinha se transformando em sons, percebi ainda mais minha força. percebi que posso, que consigo. percebi que tenho tudo dentro de mim, e basta deixar florescer.

agora eu já conseguia ver águas límpidas e fazer parte dos mistérios do mar.

este trabalho tem muito a percorrer enquanto superfície. ele certamente não acaba aqui e, assim como a natureza, assim como o mar, assim como o divino, estará em eterna metamorfose. nunca vou pisar nele duas vezes, pois já será outro.

ao entregá-lo para o mundo, ele vai ter um significado diferente para cada pessoa que fizer a escuta e a leitura dele. ele vai deixar de ser meu. e isso é o que mais desejo agora, enquanto escrevo este capítulo.

desejo lançar essas músicas em *streamings*, e desejo fazer uma divulgação que alcance outros mares. desejo produzir videoclipes. e desejo, e este é o mais forte de todos, tocar ao vivo. desejo que eu possa reunir esses mesmos músicos pessoalmente. que eu possa vibrar com eles, sentir a música arrepiar e saber que eles sentem o mesmo. desejo que um público possa presenciar essa sensação que é fazer música. e que esse público se emocione e perceba cada esfera criada em cada canção. e que se sinta parte das canções também.

desejo transformar esta parte escrita em livro. que ele possa acompanhar um material de divulgação. assim, cada pessoa que tiver o interesse e o afeto, poderá saber como foi criado o “etérea”, quais as motivações por trás, como foram os processos de composição, como foi gravar um álbum no meio da pandemia. isso, sem perder a poesia, sem perder sensibilidade, sem perder a literatura.

desejo que este trabalho encontre pessoas. e que elas se sintam à vontade de mergulhar comigo.

## REFERÊNCIAS

### Livros

AGUALUSA, José Eduardo, 1960 – **A sociedade dos sonhadores involuntários / José Eduardo Agualusa**. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017. e-Book Kindle.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas / Sophia de Mello Breyner Andresen**: seleção e apresentação Eucanãa Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **A menina do mar**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017. e-Book Kindle.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem/Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldéa Barcellos – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. e-Book Kindle.

FILHO, Clóvis de Barros. **Em busca de nós mesmos**. São Paulo: Citadel Editora, 2017. e-Book Kindle.

GUIMARAENS, Alphonsus. Ismália. *In*: MORICONI, Ítalo. **Os Cem Melhores Poemas Brasileiros Do Século**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, p. 45.

HERÁCLITO; COSTA, Alexandre. **Fragmentos contextualizados**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. e-Book Kindle.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. e-Book Kindle.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUFT, Celso Pedro, 1921-1995. **Minidicionário Luft / Celso Pedro Luft**; colaboradores, Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft; colaboradores da 21.ed. atualizada, Francisco Marto de Moura, Maria Helena Moura de Neves, Sebastião Expedito Ignacio. – 21.ed. São Paulo: Ática, 2008.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MORRISON, Toni. **Amada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. e-Book Kindle.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. Salvador: Nostrum Editora, 2013. e-Book.

SANT'ANNA, Glória de. **Livro de Água**. Lourenço Marques (Maputo): Edição da autora, 1961.

SHARMAN-BURKE, Juliet. **O tarô mitológico / Juliet Sharman-Burke e Liz Greene**; tradução Fulvio Lubisco; [cartas ilustradas por Tricia Newell]. – São Paulo: Madras, 2020.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética/Spinoza**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

YOUNG, William P. **A Cabana**. São Paulo: Arqueiro, 2008.

### **Músicas**

A CHAMADA. Intérprete: Milton Nascimento. Compositor: Milton Nascimento. *In*: MILAGRE DOS PEIXES. Intérprete: Milton Nascimento. EMI Music Brasil, 1973. 1 CD, faixa 4.

A LUA girou. Intérprete: Milton Nascimento. Compositor: Milton Nascimento. *In*: GERAES. Intérprete: Milton Nascimento. EMI Music Brasil, 1976. 1 CD, faixa 10.

ASAS. Intérprete: Luedji Luna. Compositora: Luedji Luna. *In*: UM CORPO NO MUNDO. Intérprete: Luedji Luna. YB Music, 2017. 1 CD, faixa 1.

BANHO de folhas. Intérprete: Luedji Luna. Compositora: Luedji Luna. *In*: UM CORPO NO MUNDO. Intérprete: Luedji Luna. YB Music, 2017. 1 CD, faixa 10.

BEATRIZ. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Chico Buarque e Edu Lobo. *In*: O GRANDE CIRCO MÍSTICO. Intérprete: Vários. Som Livre, 1983. 1 CD, faixa 2.

BLACKBIRD. Intérprete: The Beatles. Compositores: John Lennon e Paul McCartney. *In*: THE BEATLES. Intérprete: The Beatles. Apple, 1968. 2 CD's, faixa 11.

CANCIÓN y huayno. Intérprete: Mercedes Sosa e Markama. Compositores: Mauro Núñez e Orlando Rojas. *In*: MERCEDES SOSA '86. Intérprete: Mercedes Sosa. Philips, 1986. 1 LP, faixa B1.

COLD little heart. Intérprete: Michael Kiwanuka. Compositores: Brian Burton, Dean Josiah Cover e Michael Kiwanuka. *In*: LOVE & HATE. Intérprete: Michael Kiwanuka. Polydor, 2016. 1 CD, faixa 1.

DEBUSSY, Claude. **Suite Bergamasque**. Piano. Paris: E. Fromont, 1905. Plate E. 1404 F. 1 Partitura.

DUAS da tarde. Intérprete: Silva. Compositores: Silva e Lucas Silva. *In*: BRASILEIRO. Intérprete: Silva. Slap, 2018. 1 CD, faixa 3.

ESTRELA, estrela. Intérprete: Vitor Ramil. Compositor: Vitor Ramil. *In*: ESTRELA, ESTRELA. Intérprete: Vitor Ramil. Satolep Records, 1980. 1 LP, faixa 4.

GOODBYE. Intérprete: Billie Eilish. Compositores: Finneas O’Connell e Billie Eilish O’Connell. *In*: WHEN WE ALL FALL ASLEEP, WHERE DO WE GO?. Intérprete: Billie Eilish. Darkroom/Interscope Records, 2019. 1 CD, faixa 14.

I AM the walrus. Intérprete: The Beatles. Compositores: John Lennon e Paul McCartney. *In*: MAGICAL MYSTERY TOUR. Apple, 1967. 1 CD, faixa 6.

MOTHER nature’s son. Intérprete: The Beatles. Compositores: John Lennon e Paul McCartney. *In*: THE BEATLES. Intérprete: The Beatles. Apple, 1968. 2 CD’s, faixa 20.

OUT of your mind – interlude. Intérprete: Lianne La Havas. Compositores: Goerdan Reid-Campbell e Lianne La Havas. *In*: LIANNE LA HAVAS. Intérprete: Lianne La Havas. Warner Records UK, 2020. 1 CD, faixa 6.

PORTO. Intérprete: MPB-4. Compositor: Dori Caymmi. *In*: GABRIELA. Intérprete: Vários. Som Livre, 1975. 1 LP, faixa 10.

SONÍFERA ilha. Intérprete: Titãs. Compositores: Branco Mello, Carlos Barmack, Ciro Pessoa, Marcelo Fromer, Tony Bellotto. *In*: TITÃS. Intérprete: Titãs. WEA, 1984. 1 CD, faixa 1.

TEMPOQUELEVA. Intérprete: Ana Fridman. Compositora: Ana Fridman. *In*: NOTAS DE UM SEM TEMPO. Intérprete: Ana Fridman. Tratore, 2010. 1 CD, faixa 4.

TINY dancer. Intérprete: Elton John. Compositores: Bernie Taupin e Elton John. *In*: MADMAN ACROSS THE WATER. Intérprete: Elton John. DJM Records, 1971. 1 CD, faixa 1.

## **Vídeos**

DEUS, autoconhecimento e o corpo (Parte 1 de 4). 2016. Monja Coen. MOVA Filmes: 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QadGfw0ahEc>. Acesso em: 05 maio 2021.

DEUS, autoconhecimento e o corpo (Parte 2 de 4). 2016. Monja Coen. MOVA Filmes: 1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMU83tzPiEA>. Acesso em: 05 maio 2021.

FILHO, Clóvis de Barros. **Baruch Espinoza por Clóvis de Barros Filho**. [Entrevista concedida a] Celso Loducca. 19 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjwgjIIED8>. Acesso em: 05 maio 2021.

MÃE, Valter Hugo. **Conversa com Bial**. [Entrevista concedida a] Pedro Bial. 25 jun. 2018. Disponível em *streaming* pelo Globoplay. Acesso em: 04 maio 2021.

### Sites

DOGEN, Mestre Eihei. Shobogenzo. Traduzido por Daiko Krauss. **Monja Coen**. Brasil, [S. l.]. Disponível em: <https://monjacoen.com.br/textos-budistas/textos-tradicionais/bussho-natureza-buda/>. Acesso em: 05 maio 2021.

KODIC, Marília. Mãe com maiúscula. **Cult**. Brasil, São Paulo. 07 dez. 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mae-com-maiuscula/>. Acesso em: 03 maio 2021.

NERUDA, Pablo. The Sea. **Visions 2005**. Estados Unidos, Washington. Disponível em: <http://www.visions05.washington.edu/poetry/poems.jsp?perPage=1&startIndex=18&keywords=VISION&table=poems&view=>. Acesso em: 05 maio 2021.

### Trabalhos acadêmicos

CAMPOS, Alexandre; RICARDO, Élio Carlos. A natureza da região celeste em Aristóteles. **Rev. Bras. Ensino Fís.**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 01-06, dez. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-11172014000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172014000400020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 5 maio 2021.

NOGUEIRA, Isabel; ZANATTA, Luciano. “Pele/Osso: A gravação como processo criativo”. **MusiMid** 1, n. 1 (2020): 98-114.

VIEIRA, Beatriz Ribeiro. **Será que é poema, será que é palavra**: leituras e releituras de Chico Buarque. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Escrita Criativa) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

## **ANEXOS**

Anexo 1 – Partitura de “sino dos ventos”

Anexo 2 – Partitura de “um corpo no oceano”

Anexo 3 – Partitura de “estrelas de verão”

Anexo 4 – Partitura de “assovia passarinho (interlúdio)”

Anexo 5 – Partitura de “lunar”

# sino dos ventos

Música e letra por Beatriz Vieira

$\text{♩} = 65$

**INTRO**  $\frac{4}{4}$

**VERSO**

B Bsus4 C#m D

Si-nodos ven-tos can-ta as-me - lho-res-can-ções queeu já ou-vi

9 B Bsus4 C#m D

Metraz no-tí-cias domun-do pe - la ja-ne-la doquar-to dedor - mir

13 E E/D# B C#m

Pre-vê tem-pes - ta - des domeu pei - to uh - uh - uh Een-

**REFRÃO**

17 E E/D#

si - na que ven - to e - té - reo as - so - vi - a Pe - los can-tos an-tes

**VERSO**

19 B C#m B B

deá-guai-nun-dar os o-lhos de quem vê - ê Si-nodos ven - tos

23 Bsus4 C#m D B

re-ci - ta po-e - mas sem a - sas devo-a - ar Aome-di-tar

27 Bsus4 C#m D E

emme-ioao ca - a - a - os ver-si-fi-caa chu-u-va que ca - ai Lá-gri-mas ce-les-

**REFRÃO**

31 E/D# C#m D E



tes as tor-ren - ci-ais docéu dabo - ca Een - si - na que ven-to e-té-reo

35 E/D# B C#m



as - so-vi - a Pe - los can-tos an-tes deá-guai-nun-dar os o-lhos de quem vê - ê En -

38 E E/D#



si - na que ven - to e - té - reo as - so - vi - a Pe - los can-tos an-tes

40 B C#m **IMPROVISO** D

**11**



deá-guai-nun-dar os o-lhos de quem vê-ê-ê E en -

**REFRÃO**

54 E E/D#



si - na que ven - to e - té - reo as - so - vi - a Pe - los can-tos an-tes

56 B C#m E



deá-guai-nun-dar os o-lhos de quem vê - ê En - si - na que ven toe-té - reo

59 E/D# B C#m



as - so - vi - a Pe - los can-tos an-tes deá-guai-nun-dar os o-lhos de quem vê-ê-ê

VERSO

62

B Bsus4 C#m D

Si-nodos ven - tos can-ta as me - lho-res can-ções que eu já ou-vi

# um corpo no oceano

Música e letra por Anna Perin e Beatriz Vieira

**VERSÃO**

**INTRO** 8

$\text{♩} = 80$

**VERSÃO**

B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

Vem cá meu cor - po Sal - gar

13 B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

Me de - vol - ve pro ma - ar E

**REFRÃO**

17 B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

va - ai Oh va - ai E

21 B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

va - a - ai E va - a - a - a - ai

**VERSÃO**

25 B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

Pra on - de me le - va eu não se - ei Res -

29 B $\flat$ 6(9) B $\flat$ 6(9) A $\flat$ 6(9) E $\flat$ 6(9)

pi - ro es - sa - á - gua can - taO ven - to E

**REFRÃO**

33  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

va - ai Oh va - ai E

37  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

va - a - ai E va - a - a - ai

41  $Gm7(11)$   $Gm7(11)$   $Fm6(9)$   $Fsus2(6)$

Vai vai ma - ru - lha - ar

**PARTE B**

45  $Gm7(11)$   $Gm7(11)$   $Fm6(9)$   $Fsus2(6)$

Vai vai ma - ru - lha - ar

49  $Gm7(11)$   $Gm7(11)$   $Fm6(9)$   $Fsus2(6)$

Vai vai ma - ru - lha - ar

53  $Gm7(11)$   $Gm7(11)$   $Fm6(9)$   $Fsus2(6)$

Vai vai ma - ru - lha - ar E

**REFRÃO**

57  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

va - ai Oh va - ai E

61  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

va - a - ai E va - a - a - a - ai E

65  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

va - ai E va - ai E

69  $B\flat 6(9)$   $B\flat 6(9)$   $A\flat 6(9)$   $E\flat 6(9)$

vai vai oh vai E va - a -

73  $B\flat 6(9)$

ai

# estrelas de verão

Música e letra por Beatriz Vieira

♩ = 75 **INTRO**

The musical score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 6/8 time signature. It consists of seven staves of music. The first staff is an 8-measure introduction. The following staves contain the main melody with lyrics. Chord symbols (G and A) are placed above the notes. The lyrics are: 'Es - tre-las de ve - rã - ão bei-jan-doo ma-ar pin - tan - doa noi - te ven - ta - a Eeu a - li dei - ta - da so-bre-in-fi - ni - tos grãos dea - rei-a de á - água a Sin-too chei-ro de sa - al dan-çan - do pe - lo ar ou - ço on - das que - bran - do des - com - pas - sa a - das Uh - - - - -'.

Es - tre-las de ve - rã - ão bei-jan-doo ma-ar

pin - tan - doa noi - te ven - ta -

a Eeu a - li dei - ta - da so-bre-in-fi - ni - tos grãos dea -

rei-a de á - água a Sin-too chei-ro de

sa - al dan-çan - do pe - lo ar ou - ço on - das que -

bran - do des - com - pas - sa a - das

Uh - - - - -

38 G A A G  
 - Oh - oh To - moum - ba - nho de

42 G A A G  
 lu - a do céu do ma - ar nu - vens vi - a - jam por

46 G A A G  
 su - a luz re - fle - xo Chu - va de ve -

50 G A A G  
 rã - ão lim - paa mi - nha al - ma pin - ga por so - bre a -

54 G A A G  
 rei - as e du - nas eeu a - li pen - san - do

58 G A A G  
 Pen - sa - an - do eu a - li pen - sa - an - do

62 G A A D.S.  
 eu a - li pen - sa - an - do Es

## assovia passarinho (interlúdio)

Música, letra e arranjo por Beatriz Vieira

$\text{♩} = 50$

Bsus7      G#7M/B      Bsus7      G#7M/B

Soprano  
Uh - ah      uh - ah

Mezzo-soprano  
Uh - ah      uh - ah

Mezzo-soprano

Contralto  
Uh - uh      uh - uh

<sup>3</sup>      Bsus7      G#7M/B      Bsus7      G#7M/B

Sop.  
uh - uh - ah      uh - ah

MzS.  
uh - ah      uh - ah

MzS.1  
as - so - vi - a      as - so - vi - a

C.  
uh - uh      uh - uh

5

Bsus7                      G#7M/B                      Bsus7                      G#7M/B

Sop.    uh -                      uh - ah                      uh -                      ah

MzS.    uh -                      ah                      uh -                      ah

MzS.1    as - so - vi - a                      pas - sa - ri - nho                      as - so - vi - a - a

C.    uh -                      uh                      uh -                      uh

7

C#m                      E/B                      C#m                      E/B

Sop.    Uh -                      - ah                      uh -                      uh - ah

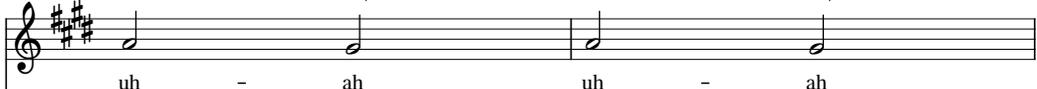
MzS.    Uh -                      - ah                      uh -                      - ah

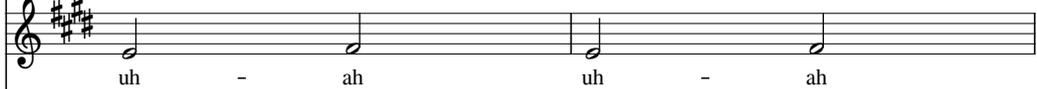
MzS.1    as - so - vi - a - a                      pas - sa - ri - nho

C.    Uh -                      - uh                      uh -                      - uh

9

Bsus7                      G#7M/B                      Bsus7                      G#7M/B

Sop.  uh - ah                      uh - ah

MzS.  uh - ah                      uh - ah

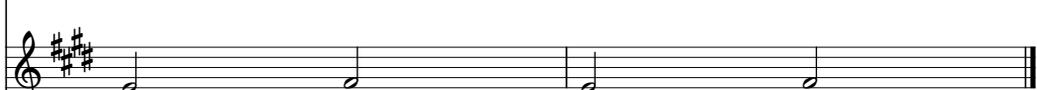
MzS.1 

C.  uh - ah                      uh - ah

11

Bsus7                      G#7M/B                      Bsus7                      G#7M/B

Sop.  uh - ah                      uh - ah

MzS.  uh - ah                      uh - ah

MzS.1 

C.  uh - ah                      uh - ah

# luar

Música e letra por Beatriz Vieira

$\text{♩} = 75$

**INTRO**  
4

**VERSO**  
D $\flat$  A $\flat$  C $\flat$

A - a noi-te - e cai E traz mur-mú - rios de deu - ses

8 G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$  A $\flat$  C $\flat$   
no-omar A - a-a noi-te - e cai E so-nhosna-dam pe - lo cé-

**REFRÃO**

12 G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$  A $\flat$   
- u Mer - gu - lha no lu - ar Lu-a vai rege o rio as ma -

15 C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$   
rés Re-ge a mi-nha voz a can - ta - ar Mer - gu - lha no lu -

18 A $\flat$  C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$   
ar Lu-a vai rege o rio as ma - rés Re-ge a mi-nha voz a can - tar Ah - ah

21 D $\flat$  A $\flat$  C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$

**VERSO**

25 D $\flat$  A $\flat$  C $\flat$   
A - a noi - te - e cai Lu-a des-á - gua no pei - to

28 G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$  A $\flat$   
do-o mar A - a no-oi - te ca - i

**REFRÃO**

31 C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$

E com tu - do mais cons - tan - te i - ne-bri - i - a Mer - gu - lha no lu -

34 A $\flat$  C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$  D $\flat$

ar Lu-a vai rege o rio as ma - rés Re-ge a mi-nhavoza can - ta-ar Mer-gu - lha no lu -

38 A $\flat$  C $\flat$  G $\flat$ m7/B $\flat\flat$

ar Lu-a vai rege o rio as ma - rés Re-ge a mi-nhavoza can - tar Ah - a - ah

**PARTE B: Bbm | G $\flat$ /B $\flat$  | D $\flat$  | A $\flat$**

42 **24**